



Beatriz Rodrigues Torres

Os desenhos e os relatos de adolescentes da Casa Dom Bosco

CAMPINAS

2015



Beatriz Rodrigues Torres

Os desenhos e os relatos de adolescentes da Casa Dom Bosco

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), como requisito para concluir o curso de Pedagogia, sob a orientação do Prof. Dr. Adilson Nascimento de Jesus.

CAMPINAS

2015

Ficha catalográfica
Universidade Estadual de Campinas
Biblioteca da Faculdade de Educação
Rosemary Passos - CRB 8/5751

T636d Torres, Beatriz Rodrigues, 1993-
Os desenhos e os relatos de adolescentes da Casa Dom Bosco / Beatriz Rodrigues Torres. – Campinas, SP : [s.n.], 2015.

Orientador: Adilson Nascimento de Jesus.
Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) – Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação.

1. Desenhos. 2. Inconsciente. 3. Histórias. I. Jesus, Adilson Nascimento de. II. Universidade Estadual de Campinas. Faculdade de Educação. III. Título.

Informações adicionais, complementares

Titulação: Licenciatura

Data de entrega do trabalho definitivo: 14-12-2015

Dedico esse trabalho aos quatro adolescentes que fizeram parte dessa pesquisa e me ajudaram a crescer como ser humano

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, à minha mãe, pela confiança e espera.

A meu pai, que compreendeu meu tempo e sempre me incentivou a estudar e crescer.

Minhas irmãs, despertando sempre a loucura e a criatividade em mim.

À Casa Dom Bosco, que gentilmente abriu as portas para essa pesquisa sem muitas burocracias e demandas.

Ao meu eterno amigo Fábio Gianfratti, que caminha sempre ao meu lado, me amparando e provocando.

Às meninas da faculdade, pelas conversas, socorros, abraços e sorrisos.

À professora Elisabeth Zimmerman, pela simpleza em me auxiliar.

EPÍGRAFE

“Contam que o engenhoso arquiteto Dédalus construiu para ele e seu filho asas de penas coladas com cera e assim fugiram do labirinto de Creta onde foram deixados para morrer pelo rei Minos. Deslumbrado em poder voar, Ícaro cruzou a liberdade do ar e subiu cada vez mais alto na direção do sol, até que a cera de suas asas derreteu e ele caiu para a morte no mar Egeu. Homens e mulheres lamentaram a imprudência do jovem, mas enquanto durou o voo, com certeza não houve no mundo alguém mais feliz nem ninguém voou tão perto do sol!” – Luis Alberto de Abreu, O Primeiro Voo de Ícaro.

RESUMO

A presente pesquisa baseia-se no contato com quatro adolescentes frequentadores da Casa Dom Bosco em Americana, em vulnerabilidade social, sendo dois meninos e duas meninas escolhidos pela própria instituição. A partir de seus desenhos e seus relatos, observo e permito que os adolescentes manifestem seus pensamentos, modo de vida, experiências e sentimentos, caracterizando assim, sua tomada de consciência sobre seu processo de autoconhecimento. O trabalho tem como referencial teórico a psicologia analítica junguiana com foco na interpretação de desenhos sobre o processo de individuação, isto é, o processo de autoconhecimento. Exponho e reflito também, sobre a realidade de cada adolescente, que se encontra em vulnerabilidade social e luta por um espaço em uma sociedade que marginaliza os negros e pobres.

PALAVRAS CHAVE: Palavras chaves: desenho – inconsciente - histórias

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO.....	9
-------------------	---

NOTA.....	14
-----------	----

PRIMEIRA PARTE

1. INTRODUÇÃO.....	17
--------------------	----

1.1 O desenho.....	18
--------------------	----

1.2 O inconsciente para Jung.....	21
-----------------------------------	----

1.3 Conhecendo o espaço.....	24
------------------------------	----

1.4 Os sujeitos: contextualizando a adolescência.....	26
---	----

2. METODOLOGIA.....	27
---------------------	----

2.1 O método de pesquisa qualitativa.....	27
---	----

2.2 Aplicação do projeto.....	29
-------------------------------	----

SEGUNDA PARTE

3. Os desenhos, os relatos e as histórias de cada adolescente.....	32
--	----

3.1 - A História de Luiza.....	34
--------------------------------	----

3.2 - A História de Claudio.....	49
----------------------------------	----

3.3 - A História de Laura.....	64
--------------------------------	----

3.4 - A História de Guilherme.....	79
------------------------------------	----

3.5. Despedida.....	92
---------------------	----

TERCEIRA PARTE

CONCLUSÃO.....	94
----------------	----

CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	97
---------------------------	----

BIBLIOGRAFIA.....	99
-------------------	----

APRESENTAÇÃO

“‘Estar em formação’ implica uma postura criativa, seja qual for a natureza da atividade. Dentro deste prisma, não existem respostas para perguntas certas” Derdyk

Desde meu primeiro ano na graduação, iniciado em 2012, sempre me interessei pelas políticas sociais apesar de não estudar esse assunto em muitas matérias.

O modelo de escolarização da sociedade sempre me inquietou, nunca apreciei a escola como ela se apresenta e não me cativa como as relações de hierarquia e as bases capitalistas estão intrínsecas a essa instituição. É difícil trabalhar em um local quando tudo dentro dele te nega e deslegitima.

Portanto, nunca me vi realmente sendo professora em sala de aula, até porque a estrutura física das escolas me lembra constantemente uma prisão. Lugares fechados, muros altos, portões automáticos, carteirinha de identificação, cores neutras e escuras e vigilância constante. Pensar esteticamente a escola, me fez refletir sobre os sujeitos inseridos nessa realidade. Somos seres escolarizados, todos (ou pelo menos a maioria) passaram grande parte da vida em escolas. Será que na época, possuíamos essa consciência de estarmos fechados durante grande parte dos nossos dias? Será que refletíamos sobre como nossos corpos e mentes reagiam dentro de uma caixa? Eu pelo menos não refletia.

Acredito que o estudo da educação também é um estudo do ser humano, um estudo da vida. Na pedagogia aprendemos sobre como ensinar o outro, mas frequentemente somos obrigadas a aprender e compreender nós mesmas. Constantemente nos vemos questionando sobre nossas práticas que perpassam e fundamentam nosso ser. Afinal, para ensinar é preciso conhecer, conhecimento não apenas didático e teórico, mas principalmente o autoconhecimento.

Segundo Ostetto (2008) é necessário que o professor em seu processo de formação, olhe para si, busque conhecer-se, entregando-se ao processo de autoconhecimento, responsabilizando-se por sua própria educação. Quanto mais me enxergo, ampliando meu olhar, melhor posso ver e compreender o outro.

Foi durante esse conhecimento individual que busquei respostas para muitas perguntas recorrentes como: que professora serei, quais são meus valores perante a sociedade e a mim mesma, como atuarei de forma a ensinar sempre, e da melhor maneira aos meus alunos e

alunas? Logicamente a caminhada é longa e muitos questionamentos ainda levo comigo. Quando pequena ouvi meu pai me ensinar que não importava qual profissão eu escolhesse ter quando crescesse, contanto que eu fosse a melhor naquilo que eu fizesse. Certos aprendizados fixam-se em nossa alma e trilham nossos caminhos.

A professora Roseli Cação (2000) ensinou:

Nesse jogo, *somos* muitas a um só tempo. E essas muitas se multiplicam, já que sendo o que somos, somos também a negação do que não somos e, nesse sentido, o que não somos também nos constitui, está em nós. *Ser e também não ser*: aí radica e é produzida a singularidade. (Fontana, p.105, grifo do autor)

Somos muitas e, ao mesmo tempo, únicas. Buscar a singularidade parece ser um desafio quando estamos rodeados em um mundo onde há muitos dizeres sobre como ser, como fazer, como agir e sentir.

Sendo assim, a busca incessante de sempre entender a mim mesma, buscar caminhos antecipados para prosseguir, habitualmente busquei olhar para o maior e mais frágil pilar da sociedade, os trabalhadores e a classe baixa. Durante a graduação me apoiei em pesquisas de caráter assistencialista e procurei entender os processos de marginalização dos grupos ditos desfavorecidos.

Aí entra uma concepção de educação ímpar, que cada estudante de pedagogia possui. Todos e todas possuímos uma maneira de olhar e entender a vida, nossas experiências, caminhos, decisões...para mim, educação sempre é transformadora e libertária. Compactuo incessantemente com as ideias de Paulo Freire e acredito que todos e todas devem ser sujeitos de sua própria ação. É exatamente essa concepção que me direciona para a escolha de imersão deste campo da educação. Como os adolescentes da periferia se reconhecem em um espaço tão marcado de papéis sociais? Como posso eu, pedagoga, transformar e libertar sujeitos encarcerados socialmente? Todavia, as pessoas só se transformam e se libertam se quiserem, ou se tiverem consciência de sua condição. Qualquer ação imposta sem seu consentimento é puro autoritarismo.

Novamente, as questões eram múltiplas e não poderiam ser respondidas já. Cada tempo tem seu tempo. Era preciso começar do princípio, entender primeiramente, quem eram esses sujeitos, o que pensavam, do que gostavam e como se enxergavam. Para procurar me entender e tentar entender os outros me apoiei na Psicologia. Contudo, assim como existem várias possibilidades de *ser* humano, há também, várias maneiras de se entender o humano.

Com isso, cada indivíduo busca aquela teoria que melhor se adequa às suas concepções e experiências de vida.

Fui apresentada à Psicologia Analítica pelo professor Adilson na disciplina eletiva “Corpo, Arte e Produção do Conhecimento”. Já criava afeto pelas disciplinas de psicologia obrigatórias da grade e me identificava, principalmente com Freud. Ao pesquisar mais sobre a psicologia analítica, obtive grande simpatia pelas ideias de Jung, ainda mais por compartilhar algumas das ideias freudianas. Mas posteriormente percebi que foi justamente a ruptura com Freud que trouxe a ascendência de suas ideias e minha identificação com estas.

A psicologia analítica também é conhecida como psicologia complexa, pois é um método psicoterapêutico, onde Jung, além de ser psicoterapeuta, era também um grande pensador. Os ensinamentos sobre as teorias junguianas são poucas e muito escassas, não só na Faculdade de Educação, como na academia em si. Acredito que por se tratar de uma metodologia qualitativa de pesquisa baseada na observação empírica, a ciência exata e impassível de dúvidas e interpretações, ganha força e legitimação extrema em uma sociedade capitalista.

É uma pena, pois o homem moderno busca sempre algo *além* de si mesmo que não seja *si mesmo*. Tão mais difícil que olhar e entender o mundo, é olhar e entender a si mesmo.

Cresci em diferentes cidades do Brasil e tive a oportunidade imensa de conhecer, desde pequena, novos lugares, costumes, pessoas e hábitos. Minha mãe sempre se interessou pelo teatro e constantemente incentivava suas três filhas a trilhar as artes. Filha caçula, vi minhas duas irmãs mais velhas se apaixonarem pelas artes dramáticas, e alimentar a imaginação criativa. Segui seus caminhos e até hoje, metade de mim precisa de arte.

Segundo a Enciclopédia Britannica, a palavra teatro deriva do grego “*theaomai*” que significa, olhar com atenção, perceber, contemplar (1990, vol. 28:515). *Theaomai* não significa ver no sentido comum, mas sim ter uma experiência intensa, envolvente, meditativa, inquiridora, a fim de descobrir o significado mais profundo; uma cuidadosa e deliberada visão que interpreta seu objeto (Theological Dictionary of the New Testament vol.5:pg.315,706). Acredito que todos os artistas têm em comum a sensibilidade do olhar e do sentimento. O teatro nos ajuda nesse aspecto de envolvimento pessoal.

Segundo Vianna e Strazzacappa (2001): *“a arte pertence ao ser humano (...). O exercício da imaginação proporciona um olhar diferenciado e distanciado da realidade, capaz de vasculhá-la, investigá-la e criar diferentes possibilidades de compreendê-la.”* (p.45). Confrontar-se com o mundo que nos rodeia, nos ajuda a entender e a esclarecer certas práticas sócio culturais que nos abraçam e nos perpassam pela vida. Olhar criticamente para a sociedade é uma das principais funções do teatro. Com essa base de interesse pela arte, busco ampliar meu olhar e praticar o constante exercício de pertencer ao mundo, reconhecendo-o.

Segundo a teoria junguiana, as ricas forças do inconsciente se manifestam em todas as atividades culturais por meio das quais o homem se expressa. As manifestações artísticas têm a capacidade de traduzir o momento de cada época, prevendo as futuras mudanças do consciente coletivo. Ou seja, as artes trazem forma ao consciente coletivo.

Em suma, acredito que todo processo de se constituir *ser humano* é sempre uma caminhada de aprendizagens internas e externas. A graduação foi uma das principais maneiras de fazer me enxergar no mundo, de questionar meu papel perante uma sociedade marcada por desigualdades, preconceitos, hierarquias, mas também repleta de belezas, vida e energia.

Julgo que o exercício de fazer-se pedagoga é eterno, assim como constituir-se humano. Há sempre mundos a conhecer, viagens a fazer, livros a ler...acredito na importância de se construir e reconstruir...sempre.

A educação tem sentido porque mulheres e homens aprenderam que é aprendendo que se fazem e se refazem, porque mulheres e homens se puderam assumir como seres capazes de saber, de saber que sabem, de saber que não sabem. De saber melhor o que já sabem, de saber o que ainda não sabem. A educação tem sentido porque, para serem, mulheres e homens precisam estar sendo. Se mulheres e homens simplesmente fossem não haveria porque falar em educação. (FREIRE, 2000, p.40)

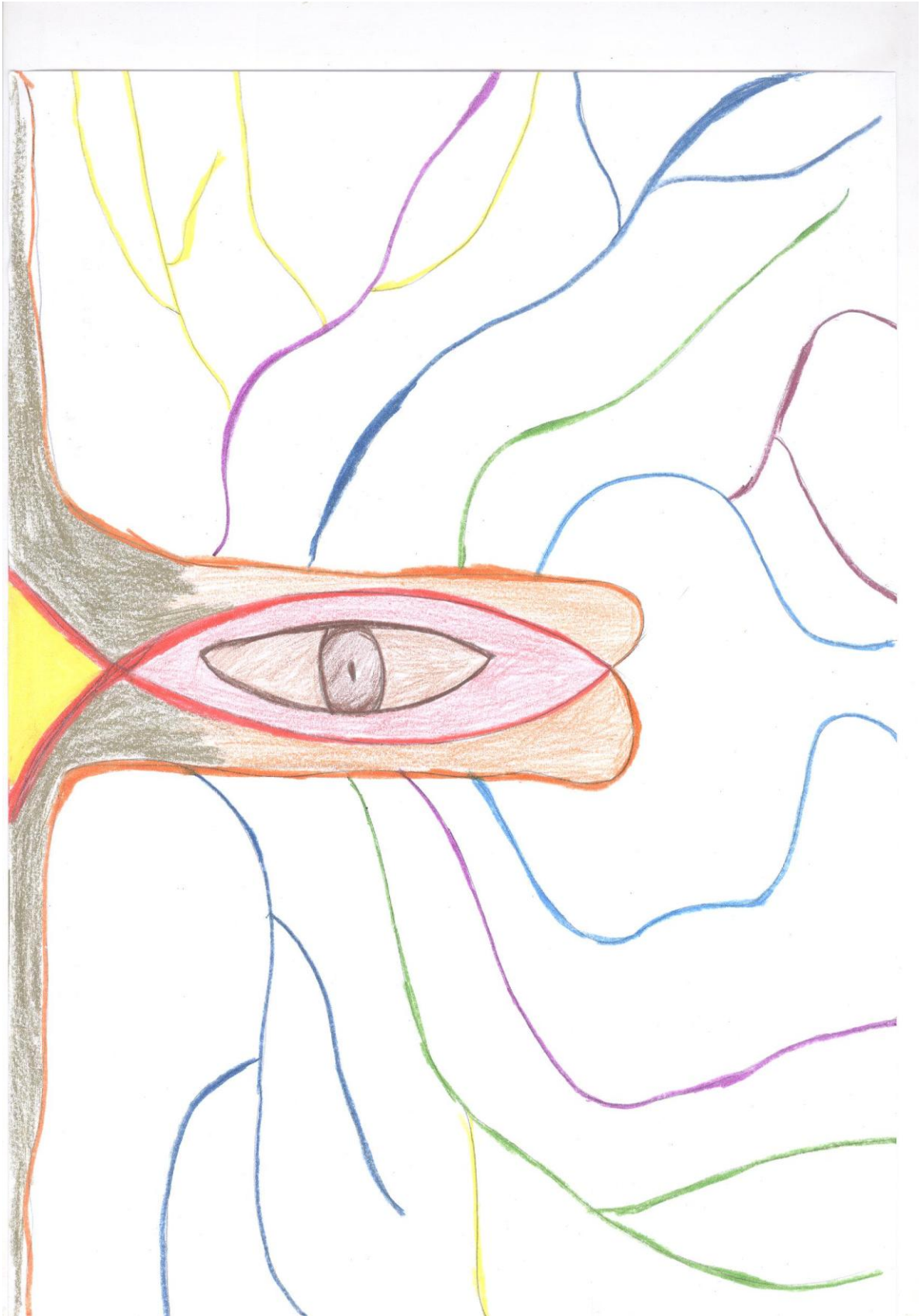


Figura 1 - "Formação"

NOTA

“Dia após dia, nega-se às crianças o direito de ser crianças. Os fatos, que zombam desse direito, ostentam seus ensinamentos na vida cotidiana. O mundo trata os meninos ricos como se fossem dinheiro, para que se acostumem a atuar como o dinheiro atua. O mundo trata os meninos pobres como se fossem lixo, para que se transformem em lixo. E os do meio, que não são ricos nem pobres, conserva-os atados à mesa do televisor, para que aceitem, desde cedo, como destino, a vida prisioneira. Muita magia e muita sorte, têm as crianças que conseguem ser crianças”. Eduardo Galeano

Essa pesquisa, inicialmente foi pensada para se realizar na Fundação Casa, nas unidades de São Paulo e Campinas. Contudo, devido a muitos contratempos, burocracias e “acasos”, adaptei a pesquisa para a Casa Dom Bosco. Primeiramente gostaria de esclarecer que tentei, ao máximo, manter o local pensado inicialmente e só mudei de espaço devido ao tempo, que reclamava e cobrava incessantemente um trabalho de conclusão de curso no fim do semestre.

Esse ano, a Fundação Casa passou por um período complicado, relacionado a muitas fugas dos adolescentes. Segundo o jornal Estadão do dia 9 de outubro de 2015, os internos fizeram quatro funcionários de reféns por mais de quatro horas, durante uma rebelião na Fundação Casa de Pirituba. No dia 4 de outubro de 2015, 39 menores realizaram uma fuga em massa após uma rebelião na unidade de Lorena, no Vale do Paraíba, interior de São Paulo. No dia 13 de outubro, o Estadão novamente noticiou a fuga de 42 adolescentes da unidade em Santos, onde, até o momento, nenhum havia sido recapturado.

Após esse cenário de insegurança e caos, a Fundação Casa decidiu suspender todas as visitas aos centros até o final do ano. A minha pesquisa estava em trâmite na juíza responsável pela liberação das visitas. Inicialmente fiquei muito preocupada e triste por não conseguir entrar no local, principalmente em um momento tão singular. Gostaria muito de ouvir esses jovens e suas histórias sobre o espaço e entender suas atitudes perante tudo isso.

Contudo, fica a reflexão para nós, futuras pedagogas: que espaço é esse que julga cuidar e zelar pelos nossos jovens, na maioria negros e pobres, e acaba aprisionando e massificando um bando? Que educação é essa que pensamos ter, que ao invés de libertar, prende e sufoca? Será que o encarceramento, físico e mental, ajuda no desenvolvimento de jovens desamparados?

Por que ocorrem tantas fugas? Por que há tantas rebeliões? Onde esses jovens querem estar? O que querem fazer? Por que não querem estar dentro do espaço cuja filosofia é a reinserção dos mesmos na sociedade?

É fundamental que pedagogas e pedagogos olhem para esse lado da educação e problematizem as situações, façam pesquisas, entendam. Acredito que é um ramo pouco aprofundado em nossa graduação. Nós, estudantes de educação, temos um dever a cumprir em prol da nossa sociedade, dever árduo, mas extremamente necessário, principalmente para pessoas em vulnerabilidade social, que não tem nada a vender, a não ser sua força de trabalho e o esforço do conhecimento.

Por isso, acredito que minha trajetória acabou de dar o primeiro passo, firme e decidido. Sei *onde* atuar e *como* atuar. E deixo aqui, os questionamentos para que alguém se interesse e busque percorrer comigo esse caminho, afinal a ação pedagógica é sempre uma ação coletiva.

PRIMEIRA PARTE

Introdução e Metodologia

INTRODUÇÃO

“O homem imanta o mundo...todos os seres e objetos que o rodeiam se impregnam de sentido. Tudo aponta e revela o homem para o próprio homem e para onde aponta o homem? O homem é temporalidade e mudança” Octavio Paz

A presente pesquisa baseia-se no contato com quatro adolescentes frequentadores da Casa Dom Bosco em Americana, em vulnerabilidade social, sendo dois meninos e duas meninas escolhidos pela própria instituição. A partir de seus desenhos e seus relatos, observo e permito que os adolescentes manifestem seus pensamentos, modo de vida, experiências e sentimentos, caracterizando assim sua tomada de consciência sobre seu processo de autoconhecimento. O trabalho tem como referencial teórico a psicologia analítica junguiana com foco na interpretação de desenhos sobre o processo de individuação, isto é, o processo de autoconhecimento.

A casa Dom Bosco é uma instituição sem fins lucrativos, localizada no bairro periférico Cidade Jardim, em Americana, que atende diariamente crianças e adolescentes do bairro e imediações. É uma instituição não formal da igreja salesiana que trabalha no contra turno escolar oferecendo as crianças e adolescentes diferentes oficinas. A filosofia da instituição se baseia no acolhimento e no ambiente que evangeliza, e abre caminhos para a vida, um espaço que favorece a convivência alegre de amigos.

O trabalho tem como referencial teórico a psicologia junguiana. Sendo assim, a presente pesquisa caminha no sentido de entender e observar os relatos e os significados que os adolescentes atribuem a seus desenhos e o que estes podem expressar por meio deles.

Para isso, a pesquisa se inicia na busca pelo entendimento do desenho como fonte propulsora de linguagem e sua importância para a sociedade desde tempos mais remotos. Logo depois, abordo brevemente a teoria do inconsciente junguiano compreendendo o processo criativo e a expressão artística como manifestações da alma.

1.1 - O DESENHO

“O desenho é linguagem também enquanto linguagem acessível a todos” - Villanova Artigas

O desenho é a expressão artística mais antiga do ser humano, e tinha como principal objetivo a comunicação, além de contar histórias e manifestar sentimentos, conhecimentos e experiências da humanidade. O ato de desenhar sempre esteve presente nas sociedades mais primitivas, existente nas partes mais diversas do mundo, já atravessou hemisférios e fronteiras espaciais.

Segundo Derdyk (1994)

Seja no significado mágico que o desenho assumiu para o homem das cavernas, seja no desenvolvimento do desenho para a construção de maquinários no início da era industrial, seja na sua aplicação mais elaborada para o desenho industrial e arquitetura, seja na função de comunicação que o desenho exerce na ilustração, na história em quadrinhos, o desenho reclama a sua autonomia e sua capacidade de abrangência como um meio de comunicação, expressão e conhecimento (p.29)



Figura 2 - Inscrições em pedra. Cidade de Ingá, Paraíba



Figura 3 - Pinturas Rupestres. San Ignacio, Mexico

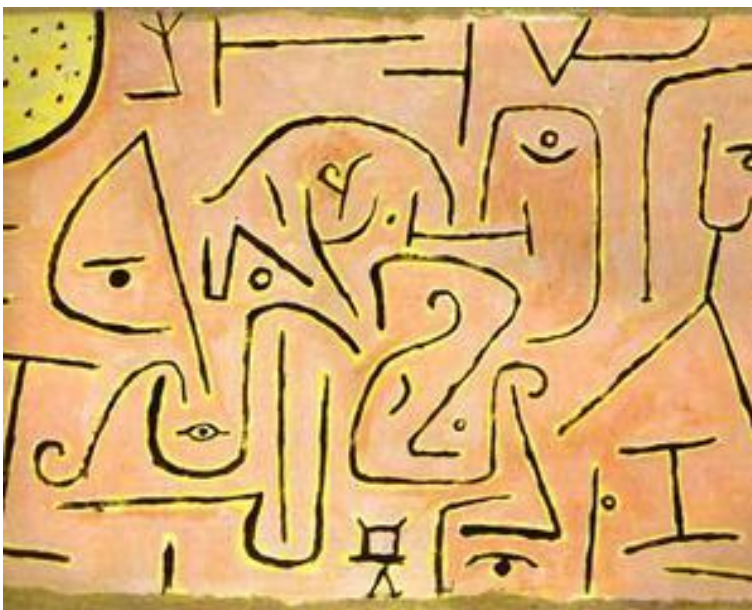


Figura 4 - Contemplation - Paul Klee, 1938

O desenho é uma linguagem universal, pois **são** tentativas de aproximação com o mundo, ou seja, desenhar passa, primeiramente, pelo processo de expressão. Na infância, a criança começa a desenhar aquilo que vê, ou seja, pessoas, objetos, animais. Em seguida, inicia os desenhos sobre suas vivências, situações do dia a dia, experiências que lhe agradam ou desagradam, confluindo com suas emoções e sentimentos. Todos esses processos perpassam pelo conhecimento de si mesmo, revelando um autoconhecimento.

Nas escolas, os desenhos são utilizados de diversas maneiras pelos professores e professoras. Muito relacionado à uma atividade de tempo livre ou bonificação comportamental, os desenhos podem revelar muito mais que imagens aleatórias, abstratas ou de simples reprodução. Estes, podem exprimir uma quantidade significativa de sentimentos, emoções, pensamentos, desejos e ideias.

Quando criança, o desenho assume um papel importante no desenvolvimento, pois passa a ser um valioso instrumento de comunicação, como uma forma de pensamento visual. Atualmente, o homem moderno indubitavelmente recorre à escrita como principal forma de comunicação, pois estas mostram-se mais confiáveis e válidas do que os desenhos, visto que exerce um papel mais lógico e exato do que o sensitivo e interpretativo.

O desenho também é um grande instrumento de conhecimento do professor para com seu aluno. Pensando na sala de aula, nós, professoras e professores podemos nos apoiar nos desenhos como forma de conhecimento daquele aluno e aluna. Basta prestarmos atenção e termos consciência que aquela manifestação é legítima e pode trazer informações sobre a vida, os sentimentos e as histórias dos sujeitos.

Com isso, se olharmos para o desenho como uma forma livre de expressão própria da criança, poderemos enxergar uma imensa quantidade de informações simbólicas e criativas, pois o desenho possui seu vocabulário e sua sintaxe particular. Dada essa perspectiva, baseei a pesquisa na metodologia qualitativa e interpretativa de Carl Jung, a Psicologia Analítica sobre a interpretação de desenhos.

A Psicologia Analítica é também conhecida como Psicologia junguiana ou psicologia complexa, e possui influência da filosofia de Kant e dos filósofos alemães. Possui uma metodologia de psiquiatria dinâmica, ou seja, uma psicologia que se preocupava com a compreensão e o tratamento das doenças mentais, em meados do século XVIII. A psiquiatria dinâmica apresenta um caráter mais compreensivo do que descritivo das psicopatologias, e sobrepõe a subjetividade do ser humano.

Segundo a teoria junguiana, desenhos, sonhos e contos de fadas, são manifestações que nos permitem ter acesso ao inconsciente. Contudo, o que seria inconsciente para Jung?

1.2 O INCONSCIENTE PARA JUNG

“Nossa psique faz parte da natureza e o seu enigma é, igualmente, sem limites” Jung

Carl Gustav Jung, nasceu em 1875 e foi o criador da Psicologia Analítica. Por divergências teóricas com Freud, Jung sai da psicanálise e cria a sua própria abordagem de psicologia. Em 1916, ele cria uma técnica que viria substituir – ou complementar – a técnica freudiana da associação livre e a interpretação dos sonhos, essa técnica é chamada de Imaginação Ativa. Trata-se de uma técnica terapêutica que consiste em usar o potencial imaginativo para integrar conteúdos internos ainda não conscientes.

Jung sempre demonstrou grande interesse pelos símbolos e sempre enfatizou sua importância, e uma das maneiras que os símbolos se expressam é através dos desenhos, pois possuem uma linguagem que vem direto do inconsciente do indivíduo.

Da psique humana emergem dois fenômenos: consciente e inconsciente. Ilustrando a psique, podemos exemplificar com a uma imagem uma ilha (consciente) que se emerge de um imenso oceano (inconsciente).

O consciente abriga as relações entre os *conteúdos psíquicos* e o *ego*, que seria o centro do consciente. Como o próprio nome já diz, o consciente revela tudo aquilo que sabemos, nomeamos, conhecemos, pensamos, ou seja, temos *consciência*. Contudo, para que qualquer conteúdo psíquico venha se tornar consciente ele precisa, necessariamente, se conectar com o ego. Os conteúdos psíquicos que não se relacionam com o ego, permanecem no inconsciente, ou seja, o ego é o centro dos conteúdos conscientes.

O inconsciente capta tudo ao nosso redor, tudo o que não prestamos atenção conscientemente. Contudo, somos constantemente influenciados por ele, pois, parte do inconsciente se estrutura em uma profusão de imagens e pensamentos temporariamente ocultos, que à primeira vista, parecem ter sido perdidos, porém continuam influenciando nossa mente consciente.

Há vários teóricos, principalmente da psicanálise, que afirmam a existência de um inconsciente, como Sigmund Freud (1996); Jacques Lacan (1992); Donald Winnicott (1990); Melanie Klein (1991); entre outros. Porém, Jung constatou (além do inconsciente pessoal) o *inconsciente coletivo*.

O inconsciente coletivo refere-se às camadas mais profundas do inconsciente e não se origina de aquisições pessoais, mas sim de capacidades inerentes ao funcionamento psíquico, portanto, uma condição natural e coletiva.

Ao lado dos conteúdos inconscientes pessoais há outros conteúdos que provêm, não de aquisições pessoais, mas de possibilidades herdadas do funcionamento psíquico em geral, isto é, da estrutura central herdada. São essas as conexões mitológicas, os motivos e imagens, que sempre e em todo lugar podem nascer sem tradição histórica ou migração. A esses conteúdos chamo de inconsciente coletivo. (Carl Jung, apud. Moreno, 2002)

Assim, enquanto o inconsciente pessoal abarca conteúdos cujo princípio advém de *experiências individuais*, o inconsciente coletivo constitui conteúdos *impessoais* e comuns a todo ser humano, que transmitem-se por hereditariedade, migrando pelos indivíduos ao longo do processo de desenvolvimento da vida.

Logo, os desenhos vêm do inconsciente coletivo e nos permitem ter acesso à psique das pessoas, na medida que são produções artísticas que expressam elementos de sua personalidade inconsciente.

Através dos desenhos, as pessoas transmitem conteúdos e sentimentos que nunca poderiam ser expressas verbalmente, mesmo que estivessem conscientes. Segundo Derdyk (1994) “desenhar concretiza material e visivelmente a experiência de existir”, e juntamente com essa experiência de existir, vem a consciência de ser, sentir, pensar, viver e entender a si mesmo.

A intenção dessa pesquisa é, além de dar voz à sujeitos em vulnerabilidade social e entender como se enxergam num espaço tão marcado por julgamentos de outros sobre si, possibilitar a esses adolescentes um entendimento maior sobre suas vivências promovendo um autoconhecimento.

De acordo com Moreno (2002):

O desenho apresenta certos dinamismos do inconsciente do indivíduo, revelando também sua situação psicológica atual. Ele pode facilitar a tomada de consciência de certos conflitos interiores, fornecendo material útil nos processos psicoterápicos para a interpretação do simbolismo presente e o entendimento do seu significado (p. 15)

Portanto, acredito que a psicologia analítica traz grandes contribuições para a área de pesquisa qualitativa que envolve estrita relação com os seres estudados. A teorização do inconsciente ajuda a entender como ocorrem certos mecanismos psíquicos e principalmente o entendimento sobre os símbolos. Conhecer a psicologia analítica me possibilitou uma ampliação da consciência e juntamente, um maior conhecimento sobre mim mesma.

Trazer o desenho para os (as) jovens é trazer uma atividade agradável que resulte em uma reflexão mais aprofundada sobre cada um(a), e para isso, é fundamental que tenhamos consciência sobre nossa psique.

1.3 CONHECENDO O ESPAÇO

A Casa Dom Bosco localiza-se no bairro Cidade Jardim, zona sul de Americana. A instituição é uma obra social, que contém certificação da ISSO 9001 denominada como “Instituto Salesiano Dom Bosco”, visto que as quatro frentes denominadas como Colégio Dom Bosco, Paróquia Dom Bosco, UNISAL e Casa de Dom Bosco, compõem este Instituto. A “casinha” abriga 400 crianças, de 6 a 15 anos, nos períodos da manhã (7:45 as 11:30) e da tarde (12:45 as 16:30).

Segundo o Art. 1 do estatuto Salesiano, o Instituto Salesiano Dom Bosco é uma associação jurídica de direito privado, de natureza confessional, beneficente, filantrópica, sem fins econômicos e lucrativos, de caráter educacional, cultural e de assistência social. Desta forma, a instituição tem caráter filantrópico, com atuação também na área de assistência social através do núcleo de atividade “Casa de Dom Bosco”, que, para um dos serviços prestados na entidade, recebe um repasse de verba estadual e municipal, assim como o Colégio mantém anualmente as outras atividades da Casa.

Para as crianças e adolescentes frequentarem a Casa Dom Bosco, é necessária a realização de uma matrícula cuja orientação provém de diversos documentos da assistência social, porém a Resolução nº 01, de 21 de fevereiro de 2013 em seu Art. 3º da CNAS (Conselho Nacional de Assistência Social), apresenta um público prioritário para frequentar o serviço que a entidade fornece. As vagas são disponibilizadas no CRAS (Centro de Referência da Assistência Social) Mathiensen, que, por sua vez, avalia a família e faz o encaminhamento segundo as necessidades avaliadas. É importante ressaltar que os munícipes desta região estão constantemente em situação vulnerável e recebem o encaminhamento. A Casa Dom Bosco então, recebe a família e realiza sua matrícula.

O espaço disponibiliza diferentes oficinas, como: Expressão Corporal, Educação Física, Artes, Jornal, Gibi, Teatro, Vídeo, Dança, Jogos Recreativos, Contação de Histórias e Escolinhas de Esportes, também há uma oficina especial intitulada Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos. As oficinas de Expressão Corporal, Artes, Educação Física e a oficina especial, são obrigatórias para todos e todas. As demais são optativas, ficando a critério de cada educando (a) da casinha.

O objetivo da instituição se baseia no atendimento de crianças, adolescentes e familiares em vulnerabilidade social, oferecendo atendimento psicossociais e atividades

socioeducativas, baseadas no Sistema Preventivo de Dom Bosco. O Sistema Preventivo de Dom Bosco se refere ao método educativo baseado inteiramente na razão, na religião e na "amorevolezza", palavra sem tradução na língua portuguesa, que alguns identificam como bondade. Pode-se dizer que esse é "o evangelho em termos de pedagogia". Segundo o coordenador da casinha, os educadores devem estar presentes fraternalmente no meio dos jovens, em seus grupos e atividades. O Sistema Preventivo se identifica com o espírito salesiano. É ao mesmo tempo, pedagogia, pastoral e espiritualidade.

A Casa Dom Bosco tem a finalidade de oferecer vínculos comunitários e familiares e desenvolver integralmente o indivíduo, implementando requisitos de melhoria contínua da eficácia do sistema de gestão da qualidade.

O espaço conta com três salas para atendimento individual, sendo: Serviço Social, Psicologia e Coordenação; sete salas para atendimento em grupo (oficinas); uma sala de informática; uma biblioteca com espaço para o grupo de teatro; uma quadra poliesportiva; refeitório, duas mesas de ping-pong e futebol de mesa. É um espaço aberto sem muitas portas e grades. É um ambiente claro, com cores suaves e cleans.

Os profissionais que compõe a “Casinha” são: Coordenador (com formação em serviço social); Assistente Social; Psicóloga; 5 educadores sociais (sendo 2 pedagogos, 1 estudante de pedagogia e 2 estudantes de educação física); 1 cozinheira e 1 auxiliar; 1 auxiliar de limpeza; 1 serviços gerais (manutenção). Todos esses profissionais trabalham livremente e possuem uma boa interação entre si e com os educandos.

A escolha do local para a pesquisa foi definida pela oportunidade de encontrar adolescentes com baixo nível sócio econômico frequentadores de instituições além da educação escolar e pela facilidade que tive para entrar na instituição, visto que conheço um dos educadores do local e já havia me voluntariado para participar de atividades como Dia das Crianças e Dia das Bruxas.

1.4 OS SUJEITOS: CONTEXTUALIZANDO A ADOLESCÊNCIA

Para essa pesquisa foram escolhidos três adolescentes de 12 anos e um adolescente de 11 anos, educandos da Casa Dom Bosco, residentes dos bairros Cidade Jardim e Jardim dos Lírios, em Americana.

Os adolescentes foram escolhidos pela própria instituição, contudo pedi para que se mantivessem na faixa dos 11-12 anos de idade por ser o período que se inicia a adolescência. De acordo com Pfromm Netto (1968) a palavra “adolescência” deriva do verbo latino “adolescere”, cujo significado é desenvolver-se, crescer, tornar-se jovem. Esse termo também se refere à situação psicológica do sujeito, pois é constantemente modificado, determinado e influenciado por fatores internos, familiares, emocionais e sociais.

A adolescência é um período onde já não necessitamos da dependência infantil e almejamos uma autossuficiência, a idade adulta, nos encontrando em uma “situação marginal” (cf. Aberastury, 1973; Aberastury & Knobel, 1984; Kalina, 1976; Jung, 1984), caracterizada por ser um período “à margem da sociedade, à margem de si mesmo”, de seu ambiente anterior e com complicações de integração e adaptação. Todo adolescente passa por um período de confusão, de muitos questionamentos e contradições que aparentemente os deixam à deriva na sociedade.

Segundo Moreno (2002)

Ao entrar na adolescência (...) o indivíduo se vê frente a uma imensidão de questionamentos, de decisões a serem tomadas, reflexões, valores morais a serem assumidos. É como se tivesse que nascer psicologicamente e reencontrar-se perante tais valores e questionamentos, adaptando-se sem perder sua individualidade, ser independente sem perder uma certa dose de dependência, perder seu corpo infantil e adquirir seu corpo adulto, perder seus pais infantis e tê-los como pais reais, com qualidades e defeitos e não como super-heróis. (p.29)

Com isso, percebemos a complexidade de ser adolescente, e a dificuldade em entender os sentidos de suas ações que muitas vezes se externizam na raiva. Acredito que adolescentes da periferia se sentem duplamente marginalizados: pelo sistema e por si mesmo. Logo, encontrei um grande campo de pesquisa, que para mim, trouxe muitas reflexões e entendimentos sobre ser adolescente de periferia.

METODOLOGIA

Para essa pesquisa foi utilizado o método de pesquisa qualitativa e tem como base a técnica de investigação da psique, caracterizada pelo pensamento dialético, fenomenológico, associativo e imagético.

2.1 O MÉTODO DE PESQUISA QUALITATIVA

Os métodos qualitativos de pesquisas propõem uma abordagem mais compreensiva e interpretativa dos fenômenos, ampliando a margem das ciências exatas imutáveis, buscando seus significados e finalidades. Essas pesquisas têm caráter interpretativo e são guiadas por um somado de crenças e sentimentos sobre o mundo. Para isso, é necessário que os pesquisadores qualitativos salientem a relação íntima entre o pesquisador e o objeto de estudo.

Segundo Penna (2004):

A metodologia qualitativa de pesquisa é resultante de um movimento que avalia e critica o método científico moderno. Essa proposta exige do pesquisador coerência e consistência epistemológicas, envolvimento pessoal com a investigação e, sobretudo, uma atitude crítica e ética frente ao conhecimento e às comunidades social e científica a que pertence. A produção de conhecimento científico, no contexto da pesquisa qualitativa, visa não apenas à descrição dos fenômenos, mas, principalmente, à compreensão e interpretação da realidade pesquisada. (*O Paradigma Junguiano no Contexto da Metodologia Qualitativa de Pesquisa*, p.81)

Com isso é necessário entender, examinar e descrever o espaço e os sujeitos que participaram dessa pesquisa. Desta forma, levo em consideração o paradigma junguiano na perspectiva ontológica que se refere à natureza da realidade, levando em conta as minhas concepções de mundo, ser e psique.

A pesquisa qualitativa ganha espaço na academia e começa a ser definida e realmente praticada somente a partir da década de 1970, muito recente! É fácil notar a diferença de hegemonia entre pesquisas quantitativas e qualitativas, basta perceber que sempre nos baseamos e recorremos a dados, gráficos e tabelas exatas para entendermos certos fenômenos. A interpretação das situações, dos sujeitos e dos espaços ficam em segundo plano. Pouco se leva em conta as narrativas e experiências de cada pesquisador, é mais aconselhável ler suas dissertações e currículo *lattes*. Contudo, é necessário que haja dados concretos para que, dessa forma, seja possível uma interpretação justa.

As principais características da investigação qualitativa se baseiam na análise de dados de modo intuitivo e o significado dos processos atribuídos pelos sujeitos pesquisados. Há também o maior interesse pelo *processo* do que simplesmente pelos resultados.

Curioso observar que o interesse na pesquisa para determinados problemas e situações e o modo como nós, pesquisadores e pesquisadoras, nos colocamos frente a esses problemas está sempre relacionado com as questões que nos atraem a atenção, de forma profunda e até inconsciente. Nenhum tema de pesquisa brota instantaneamente em nossas cabeças, tudo é parte de um processo de autoconhecimento que está completamente relacionado com o ambiente que vivemos. Assim como Queiroz (2008) explica:

Todo cientista, ao determinar o tema de sua pesquisa se encontra inserido num universo físico, social e intelectual que o/a delimita: é também por meio da percepção do que neste universo existe, que formula o que pretende investigar. Nesta fase primordial domina o diferencial, isto é, aquilo que é plenamente qualitativo e não a uniformidade quantificável. (Queiroz, 2008:19)

Levando esse fato em consideração sistematizei as perguntas da entrevista em abertas e semiabertas, formuladas de modo a captar conteúdos conscientes e inconscientes. Levei em conta a hipótese que nenhuma ou todas perguntas estruturadas poderiam ser feitas. O desenho é um instrumento de coleta de dados utilizado pela Psicologia Analítica, pois fornecem uma melhor maneira de detectar e recolher material simbólico.

2.2 APLICAÇÃO DO PROJETO

As entrevistas foram feitas no horário de atividades da “Casinha”, dois adolescentes no período da manhã e dois no período da tarde. Ficamos em uma sala fechada, com duas carteiras dispostas uma de frente para a outra. Em cima das mesas haviam folhas sulfites, lápis de cor, lápis grafite, apontador, borracha e câmera fotográfica que filmava nossas conversas, disposta em um ângulo que não aparecia o rosto dos (as) entrevistados (as). O tempo de duração das entrevistas era no máximo uma hora, podendo estender por 5 minutos, devido a rotina da instituição. Foram realizadas duas entrevistas com cada adolescente. Houve um terceiro encontro para despedida e agradecimento aos voluntários, sem perguntas e/ou gravações.

Na primeira entrevista todos (as) adolescentes se sentiram envergonhados e um pouco receosos sobre a pesquisa, contudo fui conversando sobre seus nomes, atividades que agradam e desagradam e então, pouco tempo depois, eles já se sentiam mais à vontade.

Comecei as entrevistas seguindo um roteiro pré-determinado com dois blocos de perguntas.

Primeiro Bloco

- Nome
- Idade
- Nome dos familiares
- Nome dos (as) amigos (as)
- Bairro onde mora
- O que gosta de fazer.

Após essas perguntas, solicitei que fizessem um desenho, de tema livre, utilizando o papel e os lápis dispostos na mesa. Enquanto desenhavam procurei não fazer perguntas.

Em seguida, realizei as perguntas do segundo bloco, direcionadas pelo desenho.

Segundo Bloco

- O que você desenhou?

- O que significa para você as imagens apresentadas no desenho ?
- Conte-me mais sobre o desenho que escolheu fazer?
- O que você sente a respeito dele?

No segundo dia de entrevista, mantive as perguntas do segundo bloco e acrescentei mais uma:

- Há mais alguma coisa que você gostaria de compartilhar?

Friso que todas as perguntas foram feitas, mas em nenhuma entrevista me limitei apenas a elas. Mais perguntas foram feitas para todos (as) adolescentes a medida que eles e elas relatavam sobre suas vidas e si mesmos (as), principalmente depois da elaboração do desenho.

O método de transcrição da entrevista utilizado respeitou a forma e as gírias que os (as) adolescentes usaram para responder as perguntas, visto que na área da educação, a maioria das pesquisas não usam normas específicas para a transcrição das interações verbais das entrevistas. Saliento que não foram transcritas todas as perguntas e respostas feitas aos adolescentes, devido a uma opção de pesquisa, quis mostrar as falas mais importantes durante a conversa. Uma vez que transcrever duas horas de entrevista com cada adolescente seria demasiado longo e desnecessário, pois nem todas as falas caminharam no sentido do estudo.

O segundo dia de entrevista ocorreu uma semana depois. A determinação do tempo foi estipulada para os (as) adolescentes refletirem sobre as histórias e os questionamentos tratados na primeira entrevista. Houve a solicitação de um desenho, contudo, demandei que eles e elas não me *mostrasse* nada, apenas desenhassem o que quisessem. Esse pedido foi avaliado por mim, com a ajuda da prof. Elisabeth pois, ela percebeu que os (as) adolescentes estavam tentando passar uma “boa impressão” sobre si mesmos e suas vidas, e eu já havia reparado isso em suas falas anteriormente.

No total, foram três desenhos produzidos por cada adolescente, todos de caráter livre e duas entrevistas sobre cada desenho. Houve uma terceira visita, na semana seguinte à segunda entrevista onde eu me despedi deles, e trouxe uma devolutiva sobre nossos encontros.

Os desenhos e os relatos de cada adolescente estão presentes na segunda parte desse trabalho, onde eu apresento cada um, conto suas histórias e exponho minhas reflexões sobre seus desenhos.

SEGUNDA PARTE

Apresentação e Análise dos dados

3. OS DESENHOS, OS RELATOS E AS HISTÓRIAS DE CADA ADOLESCENTE

“O senso de humanidade qualifica o ser, dignifica o homem. Humanizar, humanidade, humanismo, humano: são palavras, ideias, conceitos, atitudes que têm como origem o sentido mais elevado que a palavra homem pode conter. Ser homem abre um leque de possibilidades que tanto pode se dirigir à barbárie como ao divino: cara e coroa da mesma moeda.” Edith Derdyk

A segunda parte dessa pesquisa, se baseia na transcrição das entrevistas e na exibição de cada desenho produzido pelos dois encontros, assim como a análise de cada um. Para essa investigação contei com a ajuda da Professora Doutora Elisabeth Bauch Zimmermann, que pacientemente sentou ao meu lado e examinou e explorou cada desenho, me ensinando e iluminando.

Tive como base também, o autor Gregg Furth (2008) que sistematizou muito didaticamente essa outra visão sobre o mundo dos desenhos.

A ideia não é decifrar com exatidão o que está por trás do desenho (...), mas, sim, fazer perguntas concisas sobre o que a figura possa estar comunicando. Essa comunicação revela o inconsciente e a sua energia. Se quisermos seguir o inconsciente, precisamos levar em consideração as suas sugestões e esclarecimentos e, então, levar o indivíduo a um maior nível de consciência. (FURTH, 2008, p. 47)

Gostaria de esclarecer que em nenhum momento tive a pretensão de analisar psicologicamente os desenhos sozinha. Levei em consideração minhas limitações de teoria e experiências e me coloquei no papel de futura pedagoga, prestando atenção àquilo que me chamava a atenção, bem como despertavam em mim sentimentos positivos e negativos. Furth (2008) esclarece que há apenas uma única regra na interpretação de desenhos: saber que não sabemos. Por isso, deve-se, primeiramente, se concentrar na primeira impressão causada pelo desenho e perceber quais sentimentos este te invoca. Essa foi minha análise.

Para todos os desenhos não houve incitações sobre o tema, segui a regra para a produção de desenhos espontâneos, que se baseia na não sugestão (FURTH, 2008). Também permiti que os adolescentes terminassem em seu tempo, sem apressá-los. Para a provocação de desenhos livres pedi para eles (as) desenharem qualquer coisa que quisessem, uma história que pudesse ser contada, uma experiência ou um sentimento. A disposição da folha foi determinada por cada adolescente, visto que as folhas ficavam dispostas em cima da mesa e eles próprios pegavam.

Os nomes dos adolescentes foram alterados para resguardar a identidade de cada um, porém suas idades permanecem inalteradas. Gostaria de esclarecer que a instituição possui uma assistente social que conhece a história de cada educando. Em um certo momento, pensei em buscar sua ajuda, para confirmar e compreender melhor as histórias que cada um me contava, contudo percebi que estaria fugindo da proposta de pesquisa, uma vez que esta se baseia no relato de cada adolescente *por* cada adolescente. Não há como afirmar se as histórias aqui exibidas são verdadeiras ou não, e acredito que não seja esse o propósito. Devemos olhar para essas histórias como de quem ouve uma contação de histórias. Acreditar ou não, fica a critério de cada um e cada uma.

3.1 - A HISTÓRIA DE LUIZA

Luiza é uma menina de onze anos, mora com o pai e quatro irmãos (duas meninas e um menino) num lugar que intitulou de “barraquinho”: uma casa com um quarto, uma cozinha e um banheiro, onde todos dormem juntos.

Sua mãe atualmente mora em Minas Gerais, desde seus cinco anos de idade. Ela raramente a vê, por isso se concentra mais na figura do pai, que parece amar e respeitar muito, e por vezes, coloca-se na figura de “esposa” por sempre dizer que “cuida do pai”.

Frequenta a casinha há cinco anos, junto com sua irmã mais velha de 15 anos. Suas atividades preferidas na instituição são as aulas de artes e pinturas.

A primeira vez que vi Luiza, percebi que ela é bem desenvolvida fisicamente para a sua idade, e me pareceu um pouco tímida, apesar de não se considerar. Falava muito baixo e raramente olhava para mim quando me referia a ela. Ela disse que gosta de brincar na rua com as amigas de “pé na lata”, mas diz não sair muito de casa pois tem medo da violência.

Todas as vezes que vejo Luiza na Casinha ela me parece estar triste, não a vejo conversar muito com as amigas e não vejo muita proximidade entre ela e sua irmã mais velha. Uma vez, ela relatou que gostava de ficar sozinha.

No primeiro dia de entrevista, foram realizados dois desenhos por Luiza. Ela mostrou entusiasmo e disposição para desenhar, caprichou bastante na pintura e pareceu surpresa com o número de lápis de cor que estavam na mesa, a sua disposição. Desenhou sem pressa e com um certo ar de prazer.

A seguir, segue seu primeiro desenho, assim como seu relato sobre o mesmo.



Figura 5 - "Felicidade"

1º desenho

NOME: “FELICIDADE”

Luiza representou a brincadeira de esconde-esconde na rua de sua casa e a casa dos vizinhos. Gosta de ir na padaria “*é só virar a esquina*”.

O primeiro aspecto que me chamou a atenção nesse desenho de Luiza, foram as duas rosas em baixo no canto direito, com os três corações, comecei perguntando sobre ele:

- O que é isso aqui?

[Apontei para a imagem]

É um vaso, um vasinho de flor

- Tem lá na sua rua?

É, tem no vizinho.

- Você gosta desse vasinho?

Uhum

- E esses corações? Tem no vasinho assim?

Tem

- E o vasinho é desse jeito?

É, um quadradinho com pedra.

- E tem duas flores nele?

É

- Na casa desse vizinho?

Uhum

- E vocês se escondem muito atrás de carro?

Eu tava contando

- Você gosta de procurar?

[Silêncio]

- *Ou prefere se esconder?*

Eu prefiro me esconder

- *E porque você não se desenhou escondendo?*

[Dá de ombros]

- *Onde você mais gosta de se esconder?*

Ah, atrás do lancheiro, atrás dos carros...

Reflexões sobre o 1º desenho

Seguindo as orientações de Furth (2008) o primeiro princípio na interpretação desenhos é prestar atenção à primeira impressão causada. Logo, o que mais me chamou atenção no primeiro desenho de Luiza, foi o corpo desenvolvido de uma menina, ao centro do desenho, em sua solidão onde todos a observavam. Algumas bocas estão pintadas de vermelho, inclusive a sua, mas outras duas não. Primeiramente devemos focar nos sentimentos que o desenho invoca e não em sua interpretação, logo, o primeiro sentimento que me veio quando observei atentamente o desenho de Luiza, foi a aparente solidão dela.

É possível reparar que todas as pessoas que estão com Luiza no desenho, estão indo embora ou se escondendo, me remetendo novamente ao sentimento de solidude, e afastamento.

O segundo desenho ocorreu logo após nossa conversa, e Luiza pareceu interessada em fazer outro.



Figura 6 - "Sem nome"

2º desenho

NOME: SEM NOME

Luiza não relatou muito sobre o segundo desenho. Apenas o descreveu como sendo a sala onde estávamos e as pessoas como sendo nós duas. Na hora que desenhava, percebi que ela ficava me olhando e observando a sala ao redor.

Reflexões sobre o 2º desenho

Com certeza o que mais me chamou atenção no desenho de Luiza foi a estranha perspectiva do desenho, onde algumas coisas são vistas de cima (pufes, almofadas, mesa), enquanto outras são vistas de frente (porta) e outras até por outra perspectiva diferente. O desenho claramente mostra uma relação entre nós duas, por estarmos de frente uma para outra e parece não haver barreiras entre nós. Há também a valorização do espaço em que no encontramos.

Com a ajuda da professora Beth, percebemos que a perspectiva do desenho está aquém de uma criança de onze anos, há uma certa infantilidade no desenho, uma certa confusão de ponto de vista.

O segundo dia de visita aconteceu quinze dias depois e houve a elaboração de mais um desenho.



Figura 7 - "Tristeza"

2º dia de entrevista

Na segunda visita eu perguntei a Luiza como ela havia passado esses dias em que não havíamos nos encontrado e relembrei com ela os desenhos que tinha feito. Expliquei que seria nosso último dia de entrevista e que ela faria apenas um desenho, sobre o que ela quisesse. Luiza perguntou se poderia desenhar alguma coisa que aconteceu na casa dela e eu respondi que sim.

3º desenho

NOME: “TRISTEZA”

- Você quer me contar?

Aqui é quando eu morava no barraquinho, aqui é a rua de terra, aqui é a minha mãe [mulher de bolsa], aqui sou seu [bebe no colo], e aqui é uma mulher [segurando o bebe]. Minha mãe, quando eu era pequena, minha mãe me vendeu pra essa mulher.

- Quantos anos você tinha?

Eu era bebe

- E depois?

Aí depois meu pai, ele...encontrou minha mãe aí ele foi lá e correu atrás...aí ele foi lá e me pegou de volta.

- Você já falou com a sua mãe sobre isso?

[Balança a cabeça negativamente]

- E sobre outras coisas...você já falou com ela?

[Balança a cabeça negativamente]

- Você tem vontade de falar com ela?

[Balança a cabeça positivamente]

- O que mais você quer falar sobre o desenho?

Silêncio

- Quer falar mais alguma sobre isso?

Silêncio

- Como você se sente com isso?

Triste

- Você viu sua mãe depois disso?

Vi, ela foi pra casa depois e depois de cinco anos ela foi embora de casa. Depois que a minha mãe me vendeu meu pai foi atrás da mulher me pegar de volta, foi correndo, achou a mulher no caminho e me pediu... só que a mulher falou assim que não, porque a minha mãe me vendeu, aí meu pai teve que dar o dinheiro de volta e pegar eu.

- E você sabe porque sua mãe fez isso?

[Balança a cabeça negativamente]

- Você nunca quis perguntar?

[Balança a cabeça negativamente]

- Hm...e aí, quando você tinha cinco anos sua mãe foi embora?

Uhum

- Você sabe porque ela foi embora?

Algumas pessoas falaram que foi macumba, outras pessoas falaram que ela foi porque quis...

- O que o seu pai fala?

Meu pai fala nada

- Ele ficou triste quando sua mãe foi?

Aaa...ficou

- Sua mãe foi embora quando você tinha cinco anos ou há se cinco anos atrás?

Quando eu tinha cinco anos

- E você nunca mais viu ela?

Só quando eu tinha 11

- Você viu ela onde?

Eu vi ela...que ela foi em casa

- Ela veio visitar você suas irmãs?

Aham

- E como ela está?

Ela tá bem

- Você ficou feliz de ver ela?

Fiquei

- Quando sua mãe volta, o que você sente?

Felicidade.

Você gosta de ver ela?

[Balança a cabeça positivamente]

- Quanto tempo ela ficou com vocês?

Um dia

- Você falou alguma coisa pra ela que você gostaria de ter falado antes?

[Balança a cabeça negativamente]

- Por que você não falou?

Porque ela veio, aí ficou um pouquinho, e foi embora de novo...

Silêncio

- E quando você vai ver ela de novo?

Silêncio

Acho que nunca...

- Você nunca mais quer ver ela ou porque você acha que ela não vem te ver?

Porque ela não vem me ver

- E você acha que quando você crescer, for maior, você vai querer ir lá ver ela?

[Balança a cabeça positivamente]

- **Por que?**

Porque ela vai precisar de mim...

- **Por que?**

Porque ela vai ficar velhinha.

- **Você vai lá cuidar dela?**

[Balança a cabeça positivamente]

- **Por que?**

Porque é a minha mãe ué! Ela fez isso comigo...agora eu tenho que fazer com ela

- **Você acha que é o seu dever cuidar da sua mãe?**

[Balança a cabeça positivamente]

Uhum

- **Mas você faria isso porque você acha que é o seu dever ou por que você gosta dela?**

Gosto dela

- **Você perdoou sua mãe por ter ido embora?**

[Balança os ombros, esboçando uma expressão de dúvida]

- **É difícil, né?!**

Silêncio

Ela já fez tanta coisa...

- **Quais outras coisas ela já fez?**

Ela já deixou nois cum fome, ela saía de noite...saía e deixava nois sozinha, quando eu era pequena...Já fez um monte de coisa. Quando meu pai ia trabalha, quando ele chegava nois falava pro meu pai que tava cum fome, porque minha mãe num deu comida...

- **E como vocês se sentiam com isso?**

Triste

- ***Você já falou isso pra sua mãe?***

[Balança a cabeça negativamente]

- ***Tem vontade de falar?***

[Balança a cabeça positivamente]

- ***Você acha que vai adiantar se você falar?***

[Balança a cabeça negativamente]

Silêncio

- ***Se você pudesse falar alguma coisa pra sua mãe, o que vocêalaria?***

Num sei...pra ela fica cum nois.

- ***Você já pensou em pedir pra ela voltar?***

[Balança a cabeça positivamente]

- ***E pediu?***

[Balança a cabeça negativamente]

- ***Por que?***

Porque ela...ela num vai quere.

- ***Por que?***

Por causa que ela fala que num gosta mais do meu pai

- ***Mas ela gosta de você?***

Silêncio

- ***Você acha que gosta ou que não gosta?***

Num sei...parece que ela finge que gosta

- ***Por que você acha que ela finge que gosta?***

Porque...ela mente pra nois

- ***O que ela mente?***

Um dia, ela prometeu pra minha irmã que ia vir, sabe...e a minha irmã gosta muito dela, muito, muito...aí...toda vez, fico esperando né porque minha mãe falou que vinha. E não podia uma pessoa relar no portão, faze barulho, a Manoela ficava olhando. Aí quando viu que a minha mãe não veio, ela ficou chorando e ficava falando: 'minha mãe mentiu, ela mentiu'... Ela mente, um monte de coisa.*

- Ela já mentiu pra você?

[Balança a cabeça positivamente]

- O que ela mentiu?

Ela já mentiu que...que...eu falei pro meu pai que ela não dava comida, né, aí ela falou assim: 'lógico que dá, lógico que dá... essa menina que tá mentindo' e falava um monte de coisa, falava que tudo era minha culpa.

Silêncio. Volto a atenção para o desenho, percebo que as três pessoas na foto estão sorrindo.

- E aqui você fez ela sorrindo? (Referindo-me a mãe)

Uhum

- E você está sorrindo?

Uhum...

- Por que você está sorrindo?

Porque eu pensava que era a minha mãe...

Silêncio

- Que nome você dá pro desenho?

Deixa eu ver...

[Olha para o desenho, fica pensando]

Tristeza

Silêncio

- Tem mais alguma coisa que você queira me contar Luiza? Hoje é o nosso último de conversa...se você quiser me contar mais alguma coisa, alguma outra história, como você se sente aqui dentro ou lá fora...

Aqui dentro eu me sinto muito feliz, mas lá fora eu me sinto triste.

- Por que?

Porque eu vejo meu pai, ele...vejo ele...ele sofrendo...me dá tristeza.

- Por que ele sofre?

Porque ele luta pra...pra cuidar de nois. Ele faz de tudo

- Ele fala isso ou vocês veem ele fazendo isso?

Eu vejo

- Como?

Ele cata pão...cinco horas da manhã...ele faz de tudo pra trazer o pão de manhã, aí ele acorda nois. Ele chega, dorme cinco minutos, acorda pra ir trabalhar, chega dez horas da noite. Aí ele chega, dorme, acorda cinco horas, vai trabalhar de novo...

- Entendi...se você pudesse ter um dia de felicidade, um dia ensolarado...como seria?

Feliz, com meu pai perto...muito feliz

- Só você e o seu pai?

Não...e as minhas irmãs

- Mas isso não acontece todo dia?

[Balança a cabeça negativamente]

- O que tem nesse dia ensolarado que não tem nos outros dias?

Porque nos outros dias ele trabalha...aí quando ele folga, é um dia feliz.

Reflexões sobre o 3º desenho

Primeiramente, foi um desenho que Luiza apagou várias vezes. Principalmente na posição do bebê no colo da mulher e a posição das mulheres na folha. O sol radiante sobre uma história tão triste me deixou confusa, bem como o sorriso das mulheres e do bebê. O ambiente com os quatro barracos, que parecem flutuar, nenhum toca o chão, bem como a última casa, no canto direito, sem janela, me parece traduzir a insegurança da menina, a falta de base, por um lado, e, por outro, a falta de janelas dá uma sensação de sufocamento e velamento. O caminho de terra que atravessa o desenho é chamativo, e as duas pessoas não estão nesse caminho. Ele fica solto no espaço. Para que serve? Para onde ele vai? De onde vem? Quem vai?

Após observá-lo durante muito tempo, tive a sensação que o desenho não condiz com a história contada. As duas me traziam sentimentos opostos. Não conseguia enxergar no desenho essa carga pesada, de abandono que a história narrada tinha. Contudo, observando anteriormente os outros desenhos, pude perceber que Luiza, talvez sentisse a obrigação de aparentar um estado de bem estar, sobre sua vida e si mesma para o pai e as outras pessoas.

A falta de base está muito presente nesse desenho, com as casas que não tocam o chão. Essa ausência de sustentação, pode ser comprovada pela história que a menina conta, onde sua mãe a vende e posteriormente, a abandona, perdendo assim a grande referência de sua vida, sua matriz.

A história de Luiza definitivamente é muito triste, e produziu em mim dúvidas e até revoltas sobre o ser humano e suas atitudes. Pensando pedagogicamente, como podemos trabalhar com uma adolescente que possui uma história de vida tão triste e fazê-la acreditar no mundo o suficiente para transformá-lo? Estar com ela, levá-la a sério, deixá-la se expressar já seria um bom começo para a construção de uma confiança básica em si mesma, na vida e nas pessoas.

3.2 - A HISTÓRIA DE CLAUDIO

Claudio é um menino de doze anos que começou a frequentar a casinha esse ano. Gosta de jogar bola e ping pong. Está no sexto ano da escola e fez reclamações sobre a professora de geografia, por ser “*muito chata*” e “*fica mandando todo mundo sentar, não deixa ir no banheiro*”. Sua matéria preferida é Ciências, pois gosta de pesquisar e seu sonho é ser jogador de futebol quando crescer.

É um menino que fala muito pouco, mas expressa muito nos desenhos. De longe, foi, para mim, a criança que mais demonstrou seus sentimentos no desenho, apesar de ser o que menos falou sobre eles. Não se sentia a vontade de falar sobre si e sobre sua vida, respondia a perguntas mais com “sim” e “não” e vários “não sei”. Demonstrava um conflito em não saber exatamente o que estava fazendo ali, juntamente com um sentimento de vergonha. Várias vezes pensei ouvir ele dizer: “o que será que essa dona quer comigo?”

Claudio também tem uma história muito triste, mas ela é pouco relatada, dada a dor que sente ou a qualquer desconforto possível que possa trazer as lembranças. Ele mora com a mãe, o padrasto e mais quatro irmãos (três mais novos e uma mais velha). O padrasto trabalha como motorista de caminhão de lixo e sua mãe é costureira, mas atualmente trabalha como babá. Seu pai morreu, há cinco anos por tiros:

“Me fala mais sobre sua família. Seu pai, ele trabalha?”

- Não, meu padrasto

E seu pai?

- Morreu

Há quanto tempo?

- Deixa eu ver...acho que faz cinco...é cinco anos

Você sabe do que ele morreu?

- Morreu de tiro

Você era muito próximo do seu pai?

- Era, andava só com ele.”

A seguir, seguem os primeiros desenhos e relatos de Claudio.

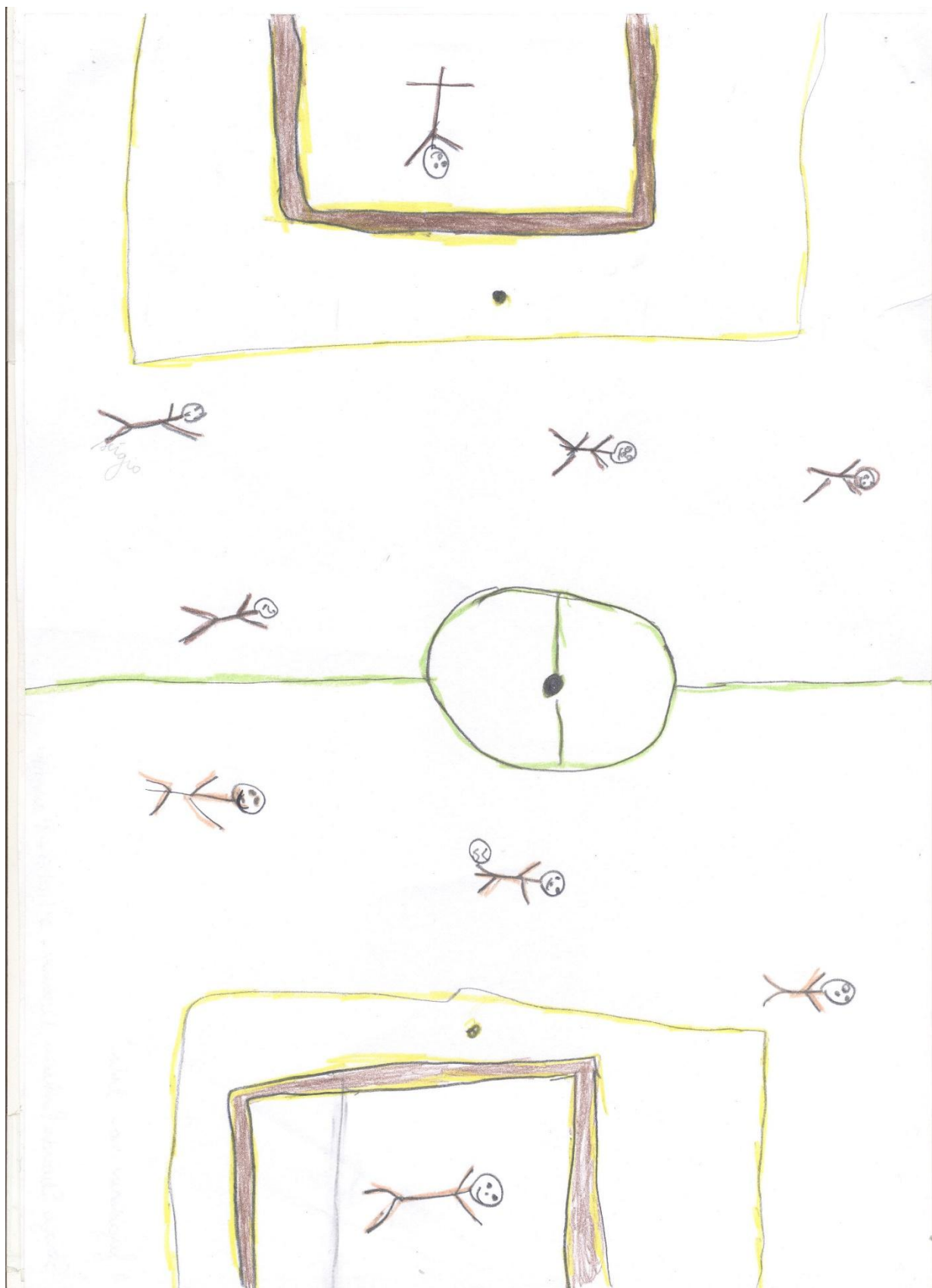


Figura 8 - "Jogadores na bola"

1º desenho

NOME: “JOGADORES NA BOLA”

- Onde é esse campo?

Aqui em cima da rua

- E você tá jogando?

Tô

- Quem é você?

Aqui ó

[Aponta para o imagem de um menino do lado esquerdo em baixo, mais próximo da linha do gol]

- Você é atacante?

Sou

- E você está jogando junto com seus amigos?

É, meus primo...joga também

- O que é isso daqui?

[Aponto para os pontos pretos perto da trave]

Isso daí é a marca do pênalti

- E você marca muito pênalti?

Não

- E você tá feliz...

Feliz

Reflexões sobre o 1º desenho

A primeira imagem que me chamou a atenção foi a linha torta do gol do lado direito. Depois, o círculo no meio, e o rosto dos jogadores, torto, sem boca e distorcidos. A disposição dos goleiros também é um pouco confusa, não dá pra saber de qual perspectiva ele está desenhando. O ponto preto na frente da trave também é bastante curioso. Se prestarmos atenção ao número de jogadores de cada lado, percebemos que o time de Claudio está ganhando, ou seja, eles estão em vantagem em relação ao outro time. O desenho me trouxe o sentimento de falta.

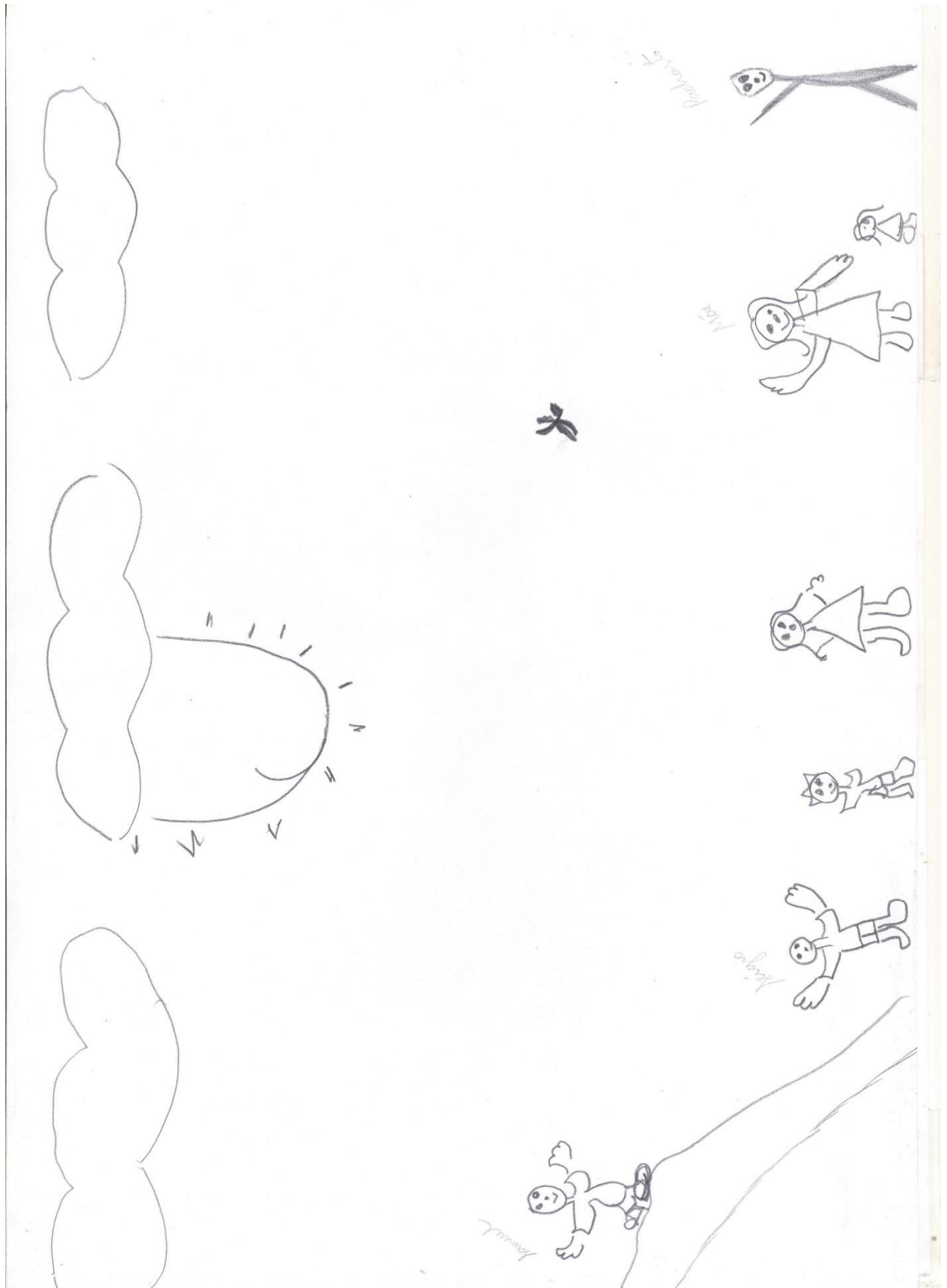


Figura 9 - "Familia Unida"

2º desenho

NOME: “FAMÍLIA UNIDA”

- O que você desenhou?

Desenhei minha família.

- Quem é esse daqui?

[Aponto para imagem da criança do lado esquerdo, mais elevado]

Esse daqui é meu irmão Pedro...não, peraí esse é o Samuel que eu desenhei, foi mal. Eu, do lado dele, a Cibele (irmã), minha irmã, minha mãe, minha irmãzinha...e meu padrasto. E o passarinho.

- E o dia tá?

Sol

- E vocês gostam de ficar juntos?

É..esse dia ae nois foi pra praia

- E o seu irmão ta no skate?

Não, é o barranquinho que ele tinha descido, a escada.

O que mais me chamou a atenção no desenho do Claudio foi a figura do padrasto, claramente desigual das figuras humanas do resto da família. Decidi perguntar mais sobre:

- E o seu padrasto ele foi pra praia?

Foi...

- Fala mais sobre ele

Ah, ele é um cara...bom.

[Silêncio]

- Vocês se dão bem?

Damo.

[Silêncio]

- Ele cuida da sua mãe?

Cuida.

- E de vocês?

Cuida também

- Então, você gosta dele?

Gosto

- E a sua mãe, como é a sua relação com ele?

Ah, bem.

[Silêncio]

- Vocês brigam muito?

Não.

[Silêncio]

- E com seus irmãos?

Mais ou menos

- E esse passarinho aqui? É um passarinho?

É, fiz errado!

- Por que?

Porque era pra fazer a cabeça certa aqui em cima

- Você gosta quando sua família tá unida?

Gosto

Reflexões sobre o 2º desenho

Com certeza o sol e a nuvem ocupando uma posição central e de destaque, motivou minha atenção. Achei muito fálico. Depois, logicamente, o corpo do padrasto, tão diferente do resto da família, mais escuro, rabiscado, sem um braço, no canto, quase saindo do desenho...

A irmã menor, ao lado do padrasto também não possui braços, mas isso, acredito que seja o modo como Claudio vê a dependência que a irmã tem da mãe, por ser ainda menor do que as outras crianças. Segundo Furth (2008) devemos prestar atenção ao que está ausente ou foi deixado de fora da figura. De acordo com o autor, os elementos omitidos podem ser bastante significativos para o indivíduo.

O passarinho preto voando acima das pessoas, me pareceu muito peculiar e esquisito, parecia que não fazia parte daquele ambiente. E, apesar de Claudio relatar que “desenhou errado” ele não apagou e refez.

Parecem que todas as pessoas na imagem estão se despedindo, saindo de cena. O irmão, mais acima de todos, deve ter um papel importante na vida de Claudio. O sol apesar de ser grande, possui os raios pequenos. Podemos entender o sol como sendo uma importante e grande fonte de vida, que traz calor, mas pode ser abrasador.

Esse desenho foi o mais forte que coletei de todos os adolescentes, ele me transmitiu um sentimento de vazio e medo...achei as figuras muito feias e cinzentas.

2º dia de entrevista

No segundo dia de entrevista, Claudio tinha saído da aula de educação física, onde jogava futebol. Não gostou muito de ter saído, por isso nossa conversa foi rápida. Percebi que Claudio não gosta de falar muito e se sentia um pouco incomodado por estar ali. Comecei perguntando como foi sua semana, se estava tudo bem. Depois, pedi para ele relembrar os desenhos que havia feito no encontro passado. Ele caracterizou cada desenho, lembrando-se. Mostrei o segundo desenho, da família na praia. Chamo a atenção dele para a figura do padrasto, desenhada de forma diferente. Ele olha para o desenho e diz: “*agora não sei*”.

- Quando você olha assim pro desenho, o que você sente?

[Olha para os lados]

Aa, sinto felicidade

- Você não sabe porque você desenhou seu padrasto de forma diferente?

[Balança a cabeça negativamente]

- Você reparou nisso, na hora que desenhou?

Reparei

- Por que você decidiu desenhar ele assim?

Aa tava mó cum preguiça

- Preguiça?

É!

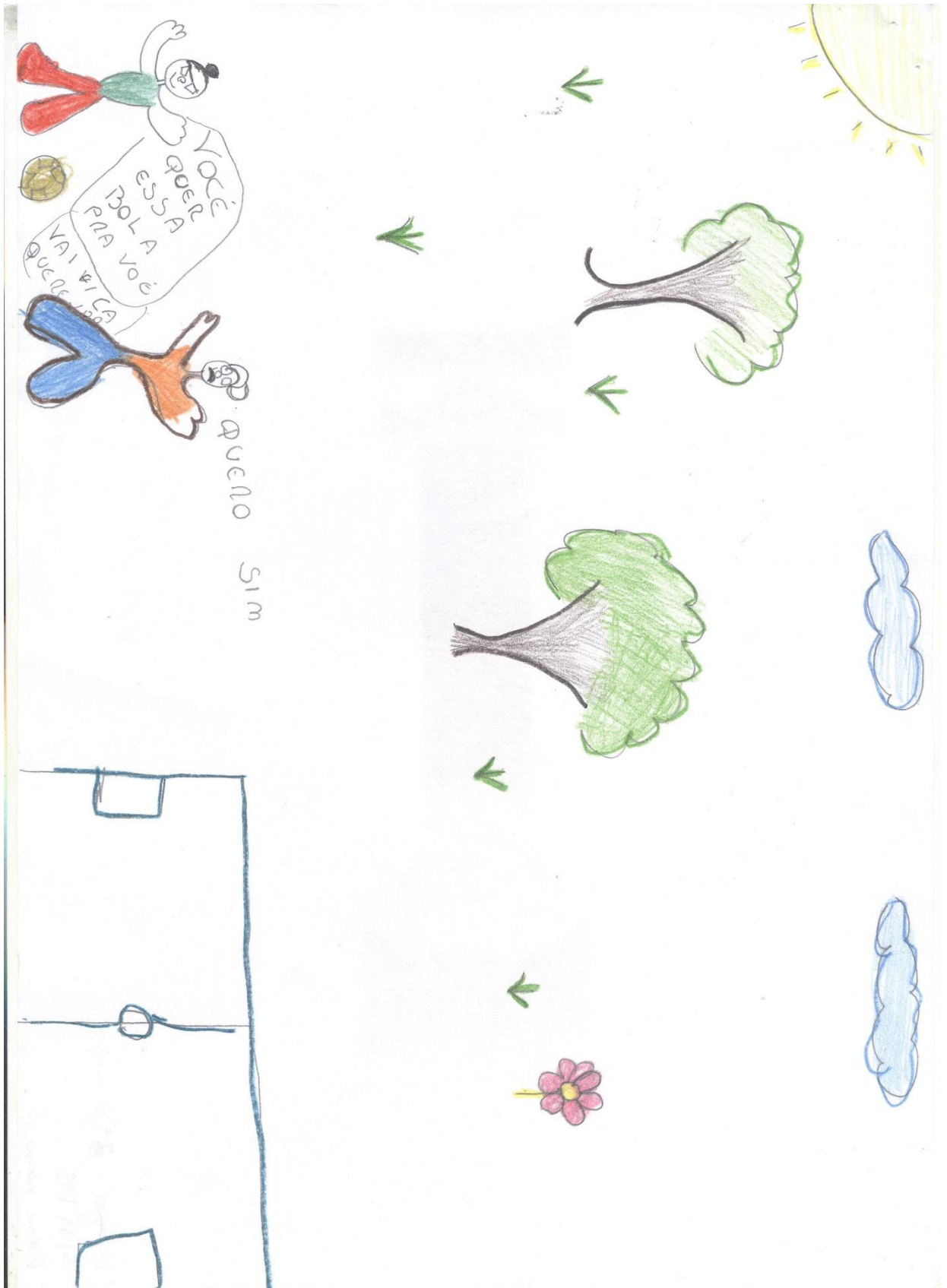


Figura 10 - Sem nome

3º desenho

NOME: SEM NOME

- O que você desenhou?

Desenhei que ele ia dar a bola para mim, aí eu falei 'quero sim', aí ele falou 'vai fica querendo!'...aí eu fiquei meio chateado.

- Quem é esse menino?

Um menino lá do...Mathiensen mesmo (bairro da cidade). Eu não conheço não.

- Você não sabe quem é?

[Balança a cabeça negativamente]

- E isso aconteceu?

Aconteceu

- Que dia?

Sábado. Teve treino.

- E o que você fez depois?

Depois fui jogar bola

- Com que bola?

Com a do treinador

- Hm, fala mais

Silêncio

Só.

- Você está contando uma história nesse desenho, é isso?

É.

- Conta de novo essa história pra mim, desde o começo

Ó, tava jogando bola cum treinador na quadra (aponta para a quadra do lado direito no canto embaixo da folha), aí ele chegou (aponta para a pessoa do desenho) e perguntou: 'cê quer

essa bola pra você?’ Aí eu falei: ‘quero’. Aí ele falou assim...falou que...vai ficar querendo. Fiquei chateado. Aí eu voltei a treinar e depois eu fui embora.

- Mas essa pessoa tava no treino?

Não

- E de onde que ele é?

Daqui..ele tava ali na escola...na beira, aqui em cima

- Aí a sua bola saiu de campo?

É

- E você foi buscar sua bola...

É, e encontrei ele.

- E por que você decidiu desenhar isso?

Aaa, pra lembrar o que ele fez comigo

- Por que você quer lembrar isso?

Silencio

- Você sabe?

Silêncio

- Não sabe?

[Balança a cabeça negativamente]

- E aconteceu isso sábado agora?

É

- E você ficou chateado o resto do dia?

Fiquei

- Mas isso não acontece aqui na Casinha também?

Não

- Por que isso te deixou tão incomodado?

Aa, porque...brincadeira mo boba

- Mas ele não te agrediu?

Não

- Só foi mal-educado?

É

- E porque você não pediu de novo a bola?

Deixei quieto, fui falar pro professor

- O que ele fez?

Pegou a bola e devolveu

- Pegou dele a bola?

É

- E depois ele foi embora?

Foi

Silêncio

- Que nome você daria para esse desenho?

Silêncio

Não sei dona.

Silêncio

- Tem alguma coisa que você quer falar? Você está bem triste aqui né? (Reparei na expressão da pessoa que ele havia desenhado)

[Balança a cabeça positivamente]

- O que mais te deixa triste?

Só!

- Só com isso?

Só...e na hora que eu perco meu pai, minha família

- Quer falar um pouco mais sobre seu pai?

Não

- Por que?

Silêncio

Eu não quero lembra o passado dele

- Por que?

Porque ele já morreu...e tem meu padrasto no lugar dele.

- Mas você não sente falta do seu pai?

Sinto

- Do que você mais sente falta?

Aa, de andar com ele, vê ele perto da minha família...só

- Você sabe porque ele morreu?

Não

- Você gostaria de saber?

[Balança a cabeça negativamente]

- Mas você sabe como...

Sei...

Volto a atenção para o desenho

- E no sábado tava ensolarado assim?

Tava

- E as árvores aqui? Tem árvore lá perto?

[Balança a cabeça positivamente]

Silêncio

- Tem mais alguma coisa que você gostaria de falar?

Não

- *Mais alguma história que você gostaria de me contar? Hoje é o nosso último dia de conversa...*

Não, só aconteceu isso mesmo

Reflexões sobre o 3º desenho

O que mais me chamou atenção no desenho assim que o vi, foram os corpos das pessoas. Muito distorcidos, com expressões fortes e marcantes, principalmente o corpo do próprio Claudio. O desenho não apresenta uma união, parecem imagens aleatórias no meio do nada, parece que não se relacionam. Me trouxe um sentimento de estranhamento.

As duas árvores e a única florzinha rosa pareciam não fazer parte do desenho. Tive a impressão que ele estaria maquiando uma situação muito penosa, em algo mais leve. Quis entender mais porque ele decidiu desenhar exatamente essa situação, mas como já foi constatado e transcrito, Claudio é um menino de poucas palavras e muitos sentimentos fortes.

Juntamente com a professora Elisabeth, pudemos concluir que nessa situação, Claudio expressou uma frustração não superada, que ele não conseguiu enfrentar, o que ocasionou uma insatisfação e desapontamento.

Claudio é um adolescente quieto, que não gosta de demonstrar seus sentimentos e sempre está metido em encrencas na Casinha. Dificilmente assume a culpa e a responsabilidade de suas más atitudes. Mas, com seus desenhos e juntamente com eles, sua manifestação, percebemos que é um garoto inseguro, que não possui raízes na vida, se sentindo desprotegido e ameaçado.

Todas essas informações são importantes na hora de conhecermos e entendermos nosso aluno dentro ou fora da escola. Pois, assim, podemos conhecer sua história e conseguimos compreender certas atitudes que podem ser vistas como “malcriadas”.

3.3 - A HISTÓRIA DE LAURA

Laura tem 12 anos, frequenta a Casinha à tarde e vai para a escola de manhã. Gosta de brincar de “rouba bandeira”, mas acha a rua perigosa. Têm quatro irmãs e mora com a mãe e o padrasto. Sua mãe trabalha varrendo rua “*varredeira*”, e o padrasto trabalha em uma empresa de canos, que ela não soube explicar direito. A casa da vó fica perto da Casinha:

- *Por que você não mora com a sua vó?*

Porque não...porque na minha vó, o meu tio...ele...ele bebe aí ele fica querendo bater nos outros. Teve um dia que ele quase bateu na minha avó, mas não bateu.

- *Mas ele já bateu em você?*

Não! Porque se ele me bater minha mãe briga com ele

- *E esse tio é irmão da sua mãe?*

É..porque senão, ele...é porque minha mãe nunca bateu em mim...porque ele vai bater em mim?

- *E ninguém nunca te bateu?*

Não, nem minha mãe nem meu pai

Na casinha frequenta as oficinas de teatro e uma oficina optativa de “gravação de vídeo”. A professora que Laura mais gosta na escola é a de matemática, pois ajuda quando está com dificuldades, dá atenção.

“Ela me deixa escrever na lousa, escrever a data. Ela sabe falar inglês...mas ela não dá aula de inglês. Ela já deu pra gente. Porque a professora de inglês da escola, ela não ensina direito, porque ela...ela...ela escreve lá ‘bom dia’, coloca a data, tudo em inglês. Aí depois ela faz um exercício e num explica, aí ela já faz o exercício e não explica a resposta. E num fala nada.”

Laura, gosta de conversar e desenhar. Passamos um tempo agradável juntas. Seu pai mora no mesmo bairro que ela e ela sempre o menciona com carinho.



Figura 11 - "O Mundo Limpo"

1º desenho.

NOME: “O MUNDO LIMPO”

- Fala pra mim o que você desenhou

Eu desenhei uma casa aqui [aponta a casa], porque essa pessoa, ela cuida da casa. Aí ela mora aqui. E aqui tem um laguinho, os peixes...aqui é a rua, aqui os brinquedo...é tipo um parque

- E isso aqui, o que que é?

[Aponto para “mancha” bege acima da casa, ao lado da borboleta]

É...caixa de areia

- E o dia tá ensolarado?

Ta!

- Tem alguém dentro da casa?

Tem! A fumacinha aqui!

- E não tem ninguém brincando no parquinho?

Não...

[Silêncio]

Ainda não

[Silêncio]

- Por que?

Porque...daqui a pouco eles vão chegar, aí eles brincam

[Risos]

- E eles estão fazendo o que agora?

Tão almoçando!

- Almoçando? É hora do almoço?

É!

- E você queria ter um parque assim?

Queria, é um parque limpo. Peraí, empresta um pouquinho.

[Pega a folha e começa a desenhar a lata de lixo, canto direito]

- Por que você desenhou o lixo?

Pra...quando alguém no parque, num jogá no chão, jogá no lixo.

- E perto da sua casa tem parque?

Tem, a praça

- E ela é suja?

As vezes...tem gente que fica com preguiça de jogar no lixo aí joga tudo no chão

- E nesse parque [do desenho], as pessoas que jogam lixo no chão, elas moram aqui também?

Não...elas moram um pouquinho mais longe

- É você que mora aqui? [Na casa do desenho] Ou são outras pessoas?

É...pode ser eu. Eu que limpo e cuido.

- E você brinca nele também?

Brinco

- E isso aí é uma rua?

[Aponto o caminho que atravessa a grama]

É tipo...quando você passa assim aí tem um chão...

- Se você pudesse escolher um lugar no parque pra ficar, qual você escolheria?

O balanço

- Por que?

Porque eu gosto de balançar. Eu gosto de sentir o vento no meu rosto

Reflexões sobre o 1º desenho

O que me chamou atenção no desenho de Laura foram as proporções do desenho. A nuvem grande e a borboleta do mesmo tamanho que a árvore. Novamente me incomodo com a fragmentação do desenho, parece que as imagens não se conectam. A casa, que dá a impressão de ter alguém, é fechada, com duas entradas (ou duas saídas?). Fiquei um bom tempo olhando para o balanço, vermelho e meio solitário perto do escorregador e da borboleta. O nome do desenho também é peculiar: “mundo limpo”, fiquei pensando por que se referir a limpeza num parque. Penso que seja por um desejo compensatório de que seu mundo, em que vive, fosse limpo, o que provavelmente não acontece.

O caminho de terra começa do nada e termina do nada. As árvores são símbolos do caminho de desenvolvimento da vida, e aqui no desenho, percebemos que elas não têm sustentação por não ter raízes.

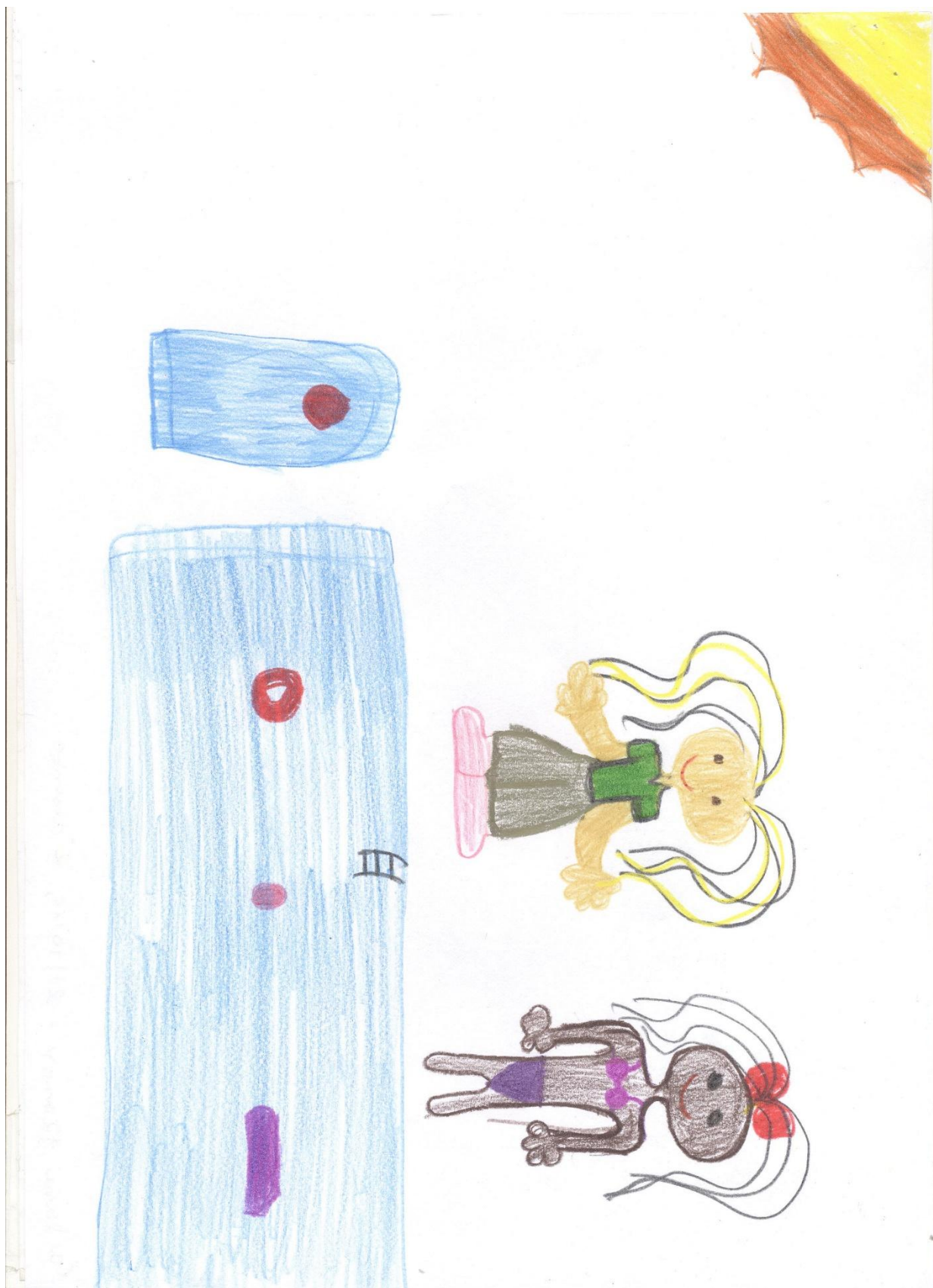


Figura 12 - "Um dia na praia"

2º desenho

NOME: “UM DIA NA PRAIA”

Laura explicou o segundo desenho como: um dia na chácara. A piscina menor tem água gelada e a piscina maior tem água quente. Desenhou bóias na piscina, mas disse que não usa, que sabe nadar *“coloquei aí pra dar mais atenção”*. Perguntei para ela quem eram as meninas: *“somos nós, estou te recebendo”*.

Reflexões sobre o 2º desenho

O desenho não é centralizado, está tudo localizado mais à direita. Concluí ser um desenho muito forte, com cores e objetos sem definição aparente. A piscina menor me lembrou um caixão, diferente da segunda que parece um oceano, se prestarmos a atenção na pequena escada preta mais ao meio da piscina. Laura, confundiu bastante onde estávamos, ora chamava de chácara, ora chamava de praia. Disse que tinha ido à pouco tempo na chácara do tio. É um desenho sem chão, que me dá a impressão de necessitar ser preenchido.

Há uma relação comigo no desenho, apareço ao lado dela para nadarmos e passarmos um dia divertido. Interessante esse vínculo que ela já criou comigo na primeira vez que estávamos conversando. Acredito que seja por ela ser uma criança mais comunicativa e eu estar ouvindo suas histórias e me interessando por elas.

2º dia de entrevista

No segundo dia de entrevista, Laura não havia ido para a Casinha, então, devido ao curto tempo, fizemos a segunda e a terceira visitas juntas. Contabilizando dois encontros. Retomei o que havíamos feito no encontro passado, e pedi para ela desenhar alguma história ou experiência de sua vida. Ela perguntou: “boa ou ruim”? E eu respondi que ela poderia escolher o que quisesse.

Laura alterou bastante o terceiro desenho, primeiro começou desenhando apenas duas figuras humanas e a medida que conversávamos ela desenhava mais e preenchia a folha.

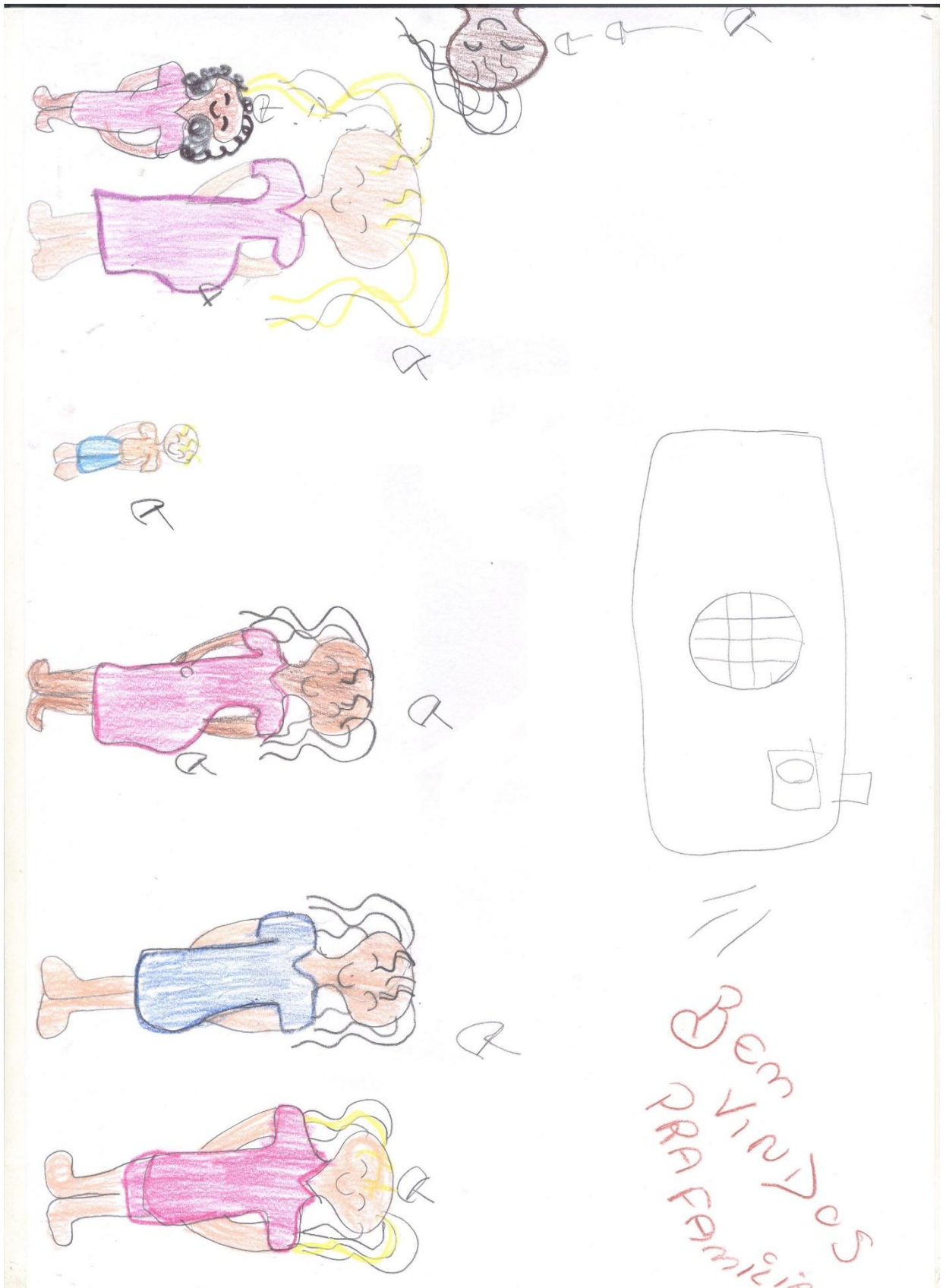


Figura 13 - "Família Feliz"

3º DESENHO

NOME: “Família Feliz”

- Me conta

Ó, aqui é o dia que veio o bebê

- É seu sobrinho?

É. Primeiro foi da minha irmã mais velha, que ela ganhou o Luis Fernando, aí depois veio da Katieli que veio agora a Ana, e da minha irmã Kailine que ela vai ganhar ainda

- E por que você decidiu desenhar isso?

É porque foi o dia que eu virei tia

- Você gosta de ser tia?

Uhum. É legal

- Por que?

Porque assim, tem vez que pode cuidar do bebê quando precisa...teve um dia que eu até cuidei do meu sobrinho!

- E você gostou de cuidar dele?

Gostei, eu dei banho nele e troquei ele...e fiz ele dormir depois.

- Que nome você daria para o desenho?

Aa.. “o dia em que virei tia”

- Como foi esse dia, você lembra?

Não...aí não lembro não...mas lembro do dia que ela ganhou ele (aponta para o menino loiro de roupa laranja) foi legal.

- Por que?

Porque eu não podia entrar na sala, porque eu era nova, aí ela mostrou ele da janela.

- E você sempre cuida dele?

Às vezes...

- Por que você cuida dele?

Às vezes eu cuido dele porque a mãe dele vai fazer comida, essas coisas... e as vezes eu cuido dele por causa que a mãe dele vai trabalhar.

- Mas você não acha que é muito nova para cuidar de bebê?

Não, acho que não...eu já tenho 12 anos!

- E o que significa ter 12 anos?

Que...eu já posso cuidar!

Laura contou um pouco sobre as histórias de cada irmã, relatando um pouco sobre suas vidas e seus filhos. Como não era sobre a história de Laura, achei pertinente não transcrever essa parte. Contudo, respeitei a vontade do diálogo da menina, deixei e estimulei a fala dela.

- Está todo mundo sorrindo, estão felizes?

Tão

- Por que?

Por causa que...teve um dia que a gente ficou feliz!

- Estava todo mundo junto?

Tava

- O que aconteceu nesse dia que vocês ficaram felizes?

Nois fez uma festa

- Pra quem?

A gente fez 'bem vinda' pra ele (aponta o menino loiro)...aí ele nasceu. Aí depois quando o outro nasceu a gente fez festa também

- Você gosta de festa ou você gosta de bebê?

Eu gosto de bebê

- Por que?

Porque é bonitinho e é engraçado

- E por que você não se desenhou no meio da festa?

Por causa que era só eles

- Você estava no dia da festa?

(Balança a cabeça positivamente)

- Então...

Mas é por causa que eu queria desenhar só eles...aí fica mais bonitinho

Laura então começa a desenhar uma menina, loira, canto direito, vestido rosa.

- Quem você está desenhando?

Eu

- Você é loira?

Na verdade não é eu...é a minha mãe

- Sua mãe é loira?

Não...ela tem cabelo preto

- Por que você desenhou ela loira? (Laura começa a desenhar cabelo preto) Pode deixar!
Só estou perguntando

É loiro com preto

- Você gosta de cabelo loiro?

Aham

- Por que?

Porque é uma cor bonita

- Mais bonita que preto?

Não...preto é bonito também...só que eu prefiro loiro

- Por que você desenhou sua mãe aí e não você?

Porque ela também é mãe!

- Aa, você está desenhando todas as mães?

É...

Silêncio, aponta para o canto da folha e diz

E eu! Ta atrás escondida (dá risada)

- Por que?

Porque faz de conta que eu to aqui, tirando foto

- Tirando foto? De frente ou de cima?

...de cima

- Você não quer se desenhar?

Silêncio

- Não precisa, só estou perguntando

É que não tem espaço...vo fazer aqui

Laura começa a desenhar um rosto no canto esquerdo, mais acima

- Por que você se desenhou de marrom?

Porque é a minha cor!

- E suas irmãs também não são?

Não...

- E a sua mãe?

Minha mãe é um pouco...é que eu esqueço da cor! É porque...as vezes eu pego cor de pele aí eu esqueço...

- Mas isso não é cor de pele, é rosa!

Pra mim é cor de pele...eu falo que é cor de pele porque é igual das pessoas...mais ou menos igual a sua

- Eu não sou rosinha!

[Laura da risada]

É cor de pele...

- ***Vou te contar uma coisa... (pego os lápis de cor marrom, bege, amarelo, rosa e branco)***
Só aqui nós temos 5 ‘cor de pele’...todas elas são ‘cor de pele’. Tem gente no mundo que tem essas cores. Tudo pode ser cor de pele! Tem tanta gente no mundo!

Esse aqui também é cor de pele (pega o lápis marrom escuro)

- ***É mesmo!***

Laura começa a desenhar a máquina fotográfica no centro do papel

- ***Mas você não tinha falado que era você que tinha tirado a foto? Agora você está aparecendo nela?***

To

- ***Não está faltando ninguém?***

Pera

Desenha uma criança, canto esquerdo, cabelo preto, ao lado da menina loira

Ela é irmã também, só que de pai diferente. Ela é cor de pele também. (pinta a menina de marrom)

Pronto. Agora acabou!

- ***Acabou? Certeza?***

Aham

- ***Que nome era o desenho? Você lembra?***

É... ‘família feliz’...não, era ‘o dia que eu virei tia’.

- ***E agora, qual o nome do desenho?***

“Família Feliz”

- ***Por que você decidiu contar isso pra mim?***

Porque é uma história bonita!

Reflexões sobre o 3º desenho

Laura é uma menina de alto astral, sempre está acompanhada das amigas que parecem gostar muito dela. Cativante e simpática, Laura olha o tempo inteiro nos meus olhos enquanto conversávamos, diferentemente dos outros adolescentes que se sentem mais intimidados.

Esse terceiro desenho foi feito mais rápido do que os demais, embora ela tenha relatado que não estava com pressa. A adolescente escreveu o nome de todas irmãs e sobrinhos ao lado das setas, contudo, por opção metodológica achei melhor apagar para não citar nomes e expor identidades.

O que mais me chamou atenção em seu relato e seu desenho foi a questão da identidade racial da menina. No segundo desenho, Laura se desenhou de marrom, traçando uma identificação consigo, mas nesse desenho, ela pareceu não querer se desenhar e desenhar sua família da mesma cor.

No mesmo dia que fui fazer a segunda entrevista, passei o dia com as crianças da Casinha e observei como os adolescentes que eu havia entrevistado se relacionam com as pessoas e o espaço, sem estarem à minha frente sendo questionados. Observei que Laura briga muito com os meninos, porque eles “tiram sarro” dela, principalmente por ser negra. Ouvi vários comentários maldosos e racistas em relação a isso e Laura devolve as críticas batendo nos meninos fisicamente.

Com certeza isso é uma atitude que demanda intervenção pedagógica, além de magoar e perpetuar racismo. Laura não se reconhece negra porque não quer estar relacionada a raça negra. Tudo o que apresentaram para ela de negro, deve ter sido ruim, ou inferior à qualquer outra raça. Fico me questionando sobre a tamanha pressão que nos é imposta a ponto de não nos reconhecermos naquilo que somos.

Percebemos pela fala da menina à referir a cor rosa de “cor de pele” o quão hegemônico é essa ideia de raça “ariana”, a raça branca como sendo exemplo de superioridade, ligada ao cabelo loiro que é mais bonito e exemplo de beleza.

Acredito que essa deva ser uma reflexão extremamente importante para todos pedagogos e pedagogas. É nosso dever esclarecer e acabar com a perpetuação do racismo em nossas aulas, falas e atitudes. Crianças se sentem inferiorizadas por puro preconceito que a raça negra vem sofrendo durante anos, devido à esse discurso homogêneo da superioridade da

raça branca. Refletir essas relações se faz necessário à nossa prática educativa, assim como Freire (2006) disse:

“O que quero dizer é o seguinte: que alguém se torne machista, racista, classista, sei lá o quê, mas se assuma como transgressor da natureza humana. Não me venha com justificativas genéticas, sociológicas ou históricas ou filosóficas para explicar a superioridade da branquitude sobre a negritude, dos homens sobre as mulheres, dos patrões sobre os empregados. Qualquer discriminação é imoral e lutar contra ela é um dever por mais que se reconheça a força dos condicionantes a enfrentar” (p.59)

O que consegui captar de Laura nesses dois encontros foi sua leveza e seu sorriso, mas fiquei sentindo falta de mais histórias sobre si mesma. Ela raramente comentava o que gostava, o que a fazia bem. Preferia falar das irmãs, do pai e a da mãe. Senti que a adolescente guarda muitas coisas atrás de uma boa aparência. Antes de ir embora, eu disse a ela:

“- Esse é o nosso último encontro, infelizmente não deu pra gente se encontrar três vezes, mas eu espero que você tenha gostado e leve nossas conversas durante a sua caminhada. Tem mais alguma coisa que você gostaria de me falar? ”

E ela respondeu: *“Obrigada”*.

3.4 - A HISTÓRIA DE GUILHERME

Guilherme tem 12 anos. Frequenta a casinha há cinco anos e gosta da oficina de artes. Mora com mãe, o padrasto e mais quatro irmãos. Seu pai está preso há três anos. Está no oitavo ano e vai para a escola de manhã, depois segue para a Casinha, onde gosta de jogar bola e ping pong. Vai a igreja evangélica de terça, sábado e domingo. Quer ser engenheiro quando crescer.

É uma criança encantadora, gosta de conversar e parece ser muito afetuoso. É muito querido por todos educandos da Casinha. Eu mesma criei grande afeto por ele. Demonstra respeito e educação pelos responsáveis do espaço e sempre está acompanhado de algum amigo. Gosta de fazer aulas de teatro e é muito comunicativo. Possui uma criatividade bem explorada e uma grande imaginação.

Possui muito talento para o desenho e apresenta ser bastante curioso. Perguntou sobre a pesquisa, do que se tratava, e demonstrou preocupação em relação à sua imagem, quem iria ler a pesquisa, se ele apareceria. Eu expliquei que seu rosto não seria filmado e seu nome na pesquisa, alterado. Ele disse ter vergonha de se mostrar e toda hora dava uma olhada na filmadora para ver se estava aparecendo seu rosto.

Dos quatro adolescentes, é o que mais apresenta a idade certa de representação no desenho. Possui uma riqueza interior e tem muitos projetos para sua vida, é um autêntico sonhador.

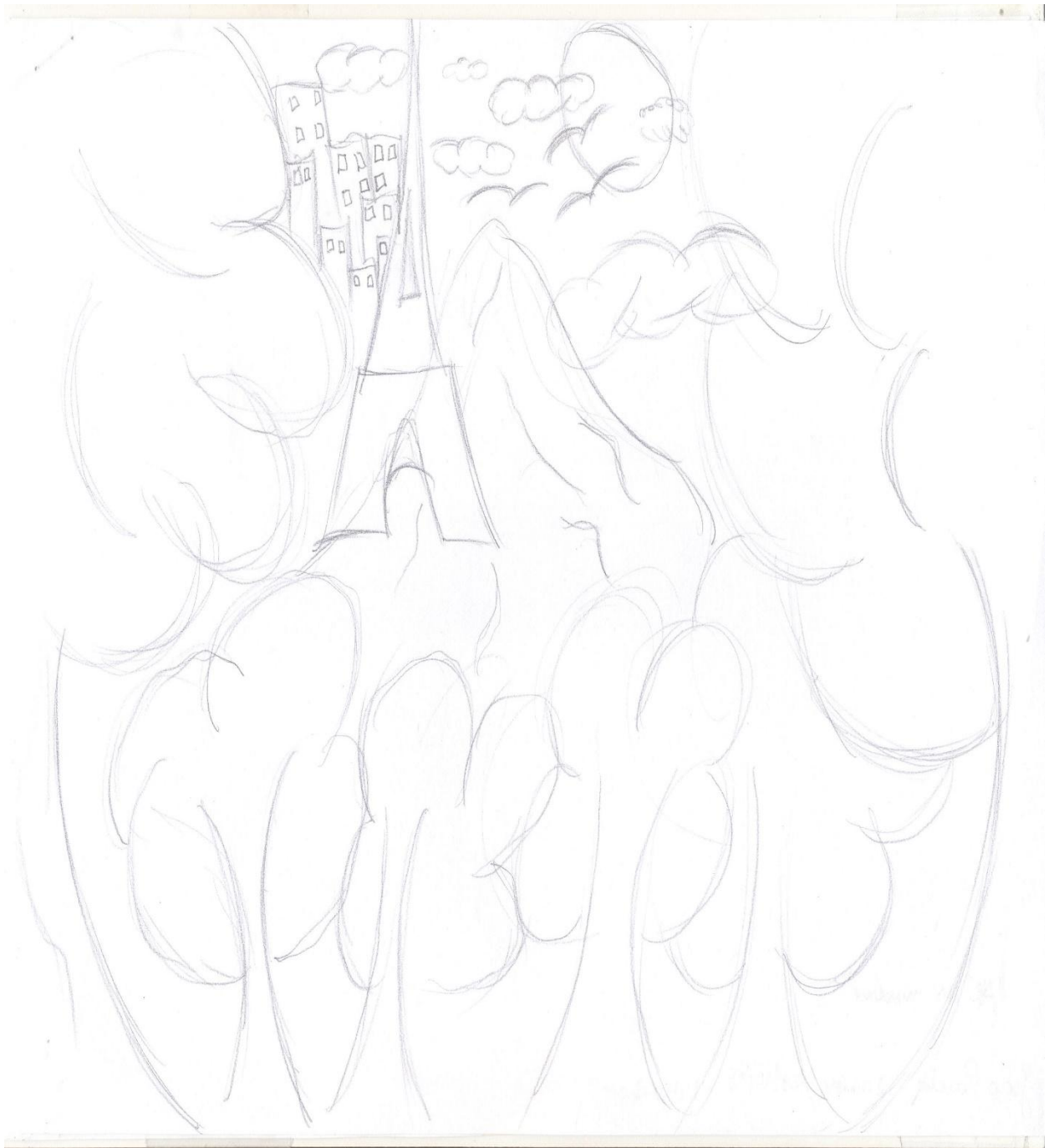


Figura 14 - "Até as Nuvens"

1º desenho.

NOME: “ATÉ AS NUVENS”

- O que você desenhou?

Primeiro, isso aqui é a Torre Eiffel...por causa que eu ir...eu quero ir pra lá, lá na França.

- Por que você quer ir pra lá?

Porque eu acho bonito

- E onde você já viu ela?

Hã...na verdade, o que me incentivou a i, a quere i pra lá...é por causa que eu nunca tinha visto. Foi o...o filme que eu tava assistindo.

- Qual?

“Ratattoiule”

- O ratinho cozinheiro?

É!

- E isso aqui?

[Aponto para os prédios e janelas do lado esquerdo da torre]

Isso daí..? É a paisagem de lá

- Hm, que mais?

Isso daqui [aponta para as árvores] eu fiz como se fosse uma dificuldade...por causa que...pra eu chegar lá vai se mó difícil...assim...mais...um dia eu chego lá. E esse monte aqui também [aponta para a montanha acima das árvores, no centro do papel] E eu fiz a montanha também, por causa que...pra mostrar que...esse...essa dificuldade que eu vo passar, aí vai ter algo melhor lá atrás.

- Quais dificuldades são?

Aah, num sei

- Não sabe?

Éé, até eu crescer lá, e o caminho pra eu chegar até lá...lá na França.

- *Você quer chegar lá na França e fazer o que?*

Ah, eu quero...quero i lá...quero conhece...

[Silêncio}

- *E esse prédio, eles são luminosos ou escuros?*

Luminoso, mas eu num quero pinta.

- *Não quer pintar? Por que?*

Porque é feio dona, estraga tudo.

Reflexões sobre o 1º desenho

O desenho de Guilherme parece ser de um lugar encantado, com castelo e florestas. Só falta ele se desenhar como príncipe! Ele mesmo já explicou os motivos do desenho e seus interesses, apenas gostaria de acrescentar o tamanho de seu sonho perto dos obstáculos, ele sente as dificuldades maiores que seus desejos.

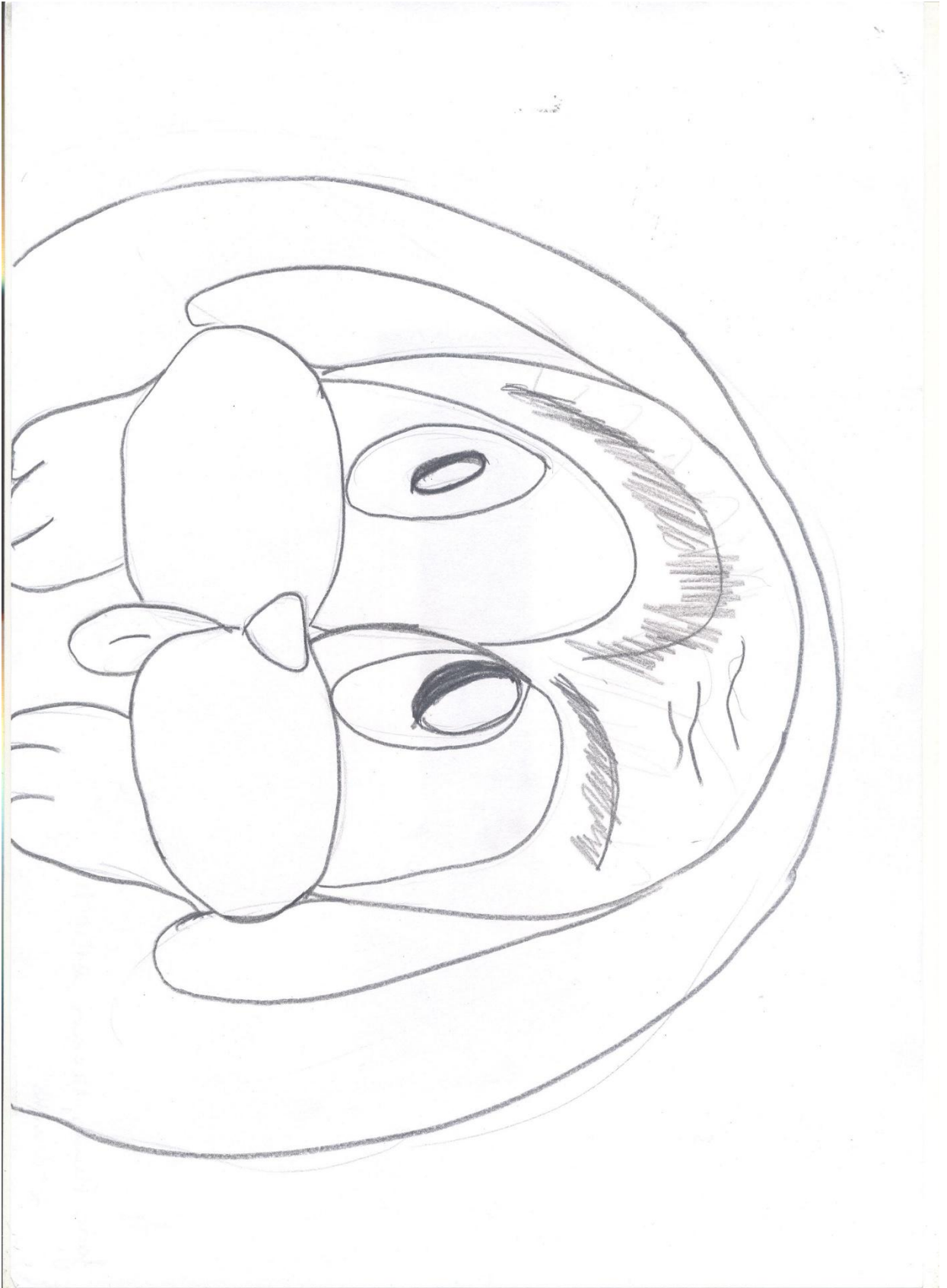


Figura 15 - "Medroso"

2º desenho.

NOME: “MEDROSO”

Guilherme não mostrou muito entusiasmo para fazer o segundo desenho. Demorou e ficou muito na dúvida.

Mas eu não sei desenhar

- *Desenha alguma coisa que você goste, ou não goste, alguma história que você queira me contar, alguma experiência.*

Não sei dona

- *Desenha sua família então*

Ah não, é feio

- *Por que?*

Porque eu não sei desenhar

- *Desenhe de uma forma que você ache bonito*

Ah não, eu não sei.

Não insisti mais, então ele começou a desenhar, rápido.

- *O que é isso?*

Ah, é um cachorro

- *Qual nome você daria para o seu desenho?*

Ah num sei

- *Pensa em um nome!*

...medroso

- *Por que medroso?*

Ah, porque ele tá com medo. Tá se escondendo.

- *Se escondendo aonde?*

...Debaixo de alguma coisa...

- Por que ele está se escondendo?

Porque ele tá com medo!

- De que?

[Silêncio]

Num sei.

- Por que que os cachorros ficam com medo?

Hmm...dos fogos.

- E ele tá com medo dos fogos?

Ta...?

[Silêncio]

- E por que você desenhou um cachorro com medo?

[Dá de ombros]

Ah, por causa que você pediu pra mim desenhar um desenho, eu desenhei esse. É o que veio na cabeça

- E quando o cachorro vai sair daí?

Quando ele não sentir mais medo

- Vai demorar?

[Silêncio]

Num sei

- Você quer que ele saia logo?

Quero

- E vá pra onde? Depois que ele sair daqui você acha que ele vai pra onde?

Eu sei lá...

- Que cor que esse cachorro é?

Preto

- ***Todo preto?***

Todo preto.

Reflexões sobre o 2º desenho

Guilherme relatou que gosta de desenhar porque seus desenhos demonstram sentimentos. Contudo, sobre o segundo desenho ele disse que “*fez só por fazer.*” O desenho é uma técnica projetiva dos conteúdos pessoais. Claramente percebemos nesse desenho a projeção de Guilherme no cachorro. Seus medos e anseios fizeram-se presentes no papel.

2º dia de entrevista

No segundo dia de entrevista, quinze dias depois, pedi para Guilherme desenhar alguma coisa que quisesse me contar, que eu gostaria de conhecer um pouco mais sobre ele. Contudo, ele disse: “*desenhá falando de mim, mo difícil, dona!*”

Então pedi para desenhar alguma coisa que gostava de fazer, ou não gostava.

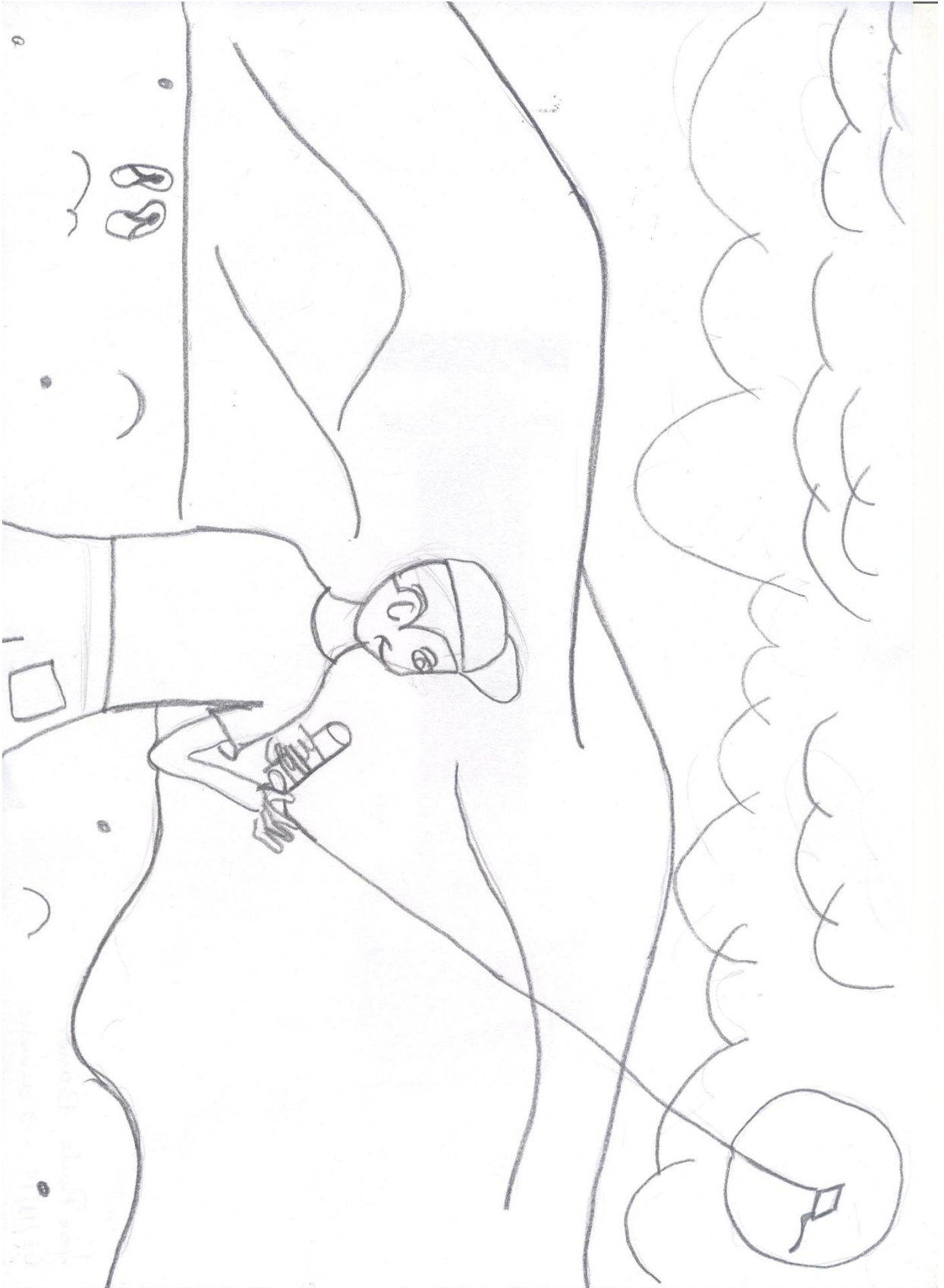


Figura 16 - "Livre"

3º desenho

NOME: “LIVRE”

- Como o desenho chama?

Olhou para o desenho durante um tempo

Não sei

- Então vamos conversar um pouco sobre ele, aí você descobre. Me fala...

Aaa ele...eu fiz quando eu ‘tavo’ soltando pipa...aí ali em baixo, tem um lixão, aí tem um tipo de um monte, aí eu subo e fico soltando pipa. Aí eu fiz assim

- Então esse daqui é você?

É!

- E quando você vai soltar pipa?

Na época

- Que época?

Na época de pipa

- Quando é a época de pipa?

Num sei, todo mundo começa a soltar, aí nois começa...

- E vocês vão soltar pipa a noite?

Não

- E o que é isso daqui?

(Aponto para o círculo em cima da folha, que parece uma lua)

É o sol

- E você está sozinho

To

- Você gosta de soltar pipa?

Gosto

- Você quer falar mais alguma coisa? Como se sente?

...É por causa que...quando eu solto pipa assim, e eu to sozinho, eu me sinto mais a vontade, eu me sinto é...livre.

- Do que quando você está com seus amigos?

É

- Por que?

Por causa que...com meus amigos...eu num posso falar tudo o que eu penso...eles pode me zuar. Aí pode ta conversando sobre outra coisa...e aí num dá.

- Então, você prefere soltar pipa sozinho

É

- Mas é só soltar pipa sozinho, ou ficar sozinho?

Ficar sozinho também

- E porque você decidiu desenhar isso?

Por causa que agora, assim...eu to livre

- E na maior parte do tempo, você acha que não está?

É

- Quais são as coisas que te deixam preso?

Aaa, num sei...aa, num sei falar. Aaa vezes eu quero por um filme, ficar sozinho...mas não tem como. Por causa que eles ficam arrumando o quarto lá. Tem que ficar fazendo comida...

- Você faz comida?

Faço, arroz, feijão, macarrão, maionese, carne...

- E você acha que seu pai gostaria de ver você livre assim?

Silêncio

Aham...as vezes a gente sai e aí fica lá na represa e fica conversando lá na sombra

- Você e seu pai?

Eu e o meu padrasto

- E o seu pai?

Meu pai tá preso

- Mas você conversa com ele ainda

Num tem como

- Você sente falta dele?

Sim

- Você sabe por que ele foi preso?

Sei

- Por que?

Por causa de droga

- Porque ele usava ou porque ele vendia?

Porque ele usava

- E o que você pensa sobre isso?

Aaa, a vida é dele. Pra mim é ruim, porque ele escolheu esse caminho...

- Por que você acha que ele escolheu esse caminho?

Silêncio

Por causa que...por causa que ele quis

Silêncio

- Quanto tempo ele tá preso?

Três anos

- E quando ele vai sair?

Daqui três anos

- Você quer que ele saia logo?

Quero

- E quando ele sair, o que você quer fazer?

...nada...só...normal

- Você quer sair com ele pra empinar pipa?

Aaa talvez, ele soltava

- Você acha que foi por isso que você desenhou?

Não..

- Você quer falar mais alguma coisa do desenho? Pensou em um nome pra ele?

Livre

Reflexões sobre o 3º desenho

Apesar de ser uma atividade que Guilherme gosta de fazer, reparei na quantidade de nuvens que possui o desenho. Nuvens são ameaças para quem gosta de soltar pipa. É um desenho simples, que me trouxe um sentimento de calma passividade, como em contato consigo mesmo. Ele demorou para desenhar e caprichou em alguns detalhes. Ficou observando o desenho durante um tempo, até me entregar.

Percebo que Guilherme gosta de estar ali, desenhando e conversando. Ele entende que está fazendo parte de uma pesquisa e se sente importante com isso. É um menino muito carismático e questionador, pensava muito enquanto desenhava e percebemos seu olhar mais estético e artístico, com traços finos e delicados.

3.5 DESPEDIDA - 3º dia

No último dia de encontro que fui para me despedir deles, quis dar alguma coisa significativa e agradecer pela vontade, disposição e respeito que todos e todas tiveram comigo. Não sabia ao certo o que entregar, se devia levar alguma coisa, ou simplesmente dar um abraço e agradecer. Então, pensando e repensando tive a ideia de escrever uma carta para cada um, agradecendo a participação na pesquisa, juntamente com um poema da Cora Coralina, que expressiu perfeitamente a mensagem que eu queria passar para eles:

Saber Viver

“Não sei...

Se a vida é curta

Ou longa demais pra nós,

Mas sei que nada do que vivemos

Tem sentido, se não tocamos o coração das pessoas.

Muitas vezes basta ser:

Colo que acolhe,

Braço que envolve,

Palavra que conforta,

Silêncio que respeita,

Alegria que contagia,

Lágrima que corre,

Olhar que acaricia,

Desejo que sacia,

Amor que promove.

E isso não é coisa de outro mundo,

É o que dá sentido à vida.

É o que faz com que ela

Não seja nem curta,

Nem longa demais,

Mas que seja intensa,

Verdadeira, pura...

Enquanto durar"

Os quatro agradeceram a minha visita e a carta. Na hora do abraço, os meninos ficaram envergonhados, e as meninas mantiveram o abraço durante um tempo.

Também li para eles o mito de Ícaro, que se encontra na epígrafe desse trabalho. Acredito que esse mito retrata um pouco da realidade desses adolescentes, que vivem combatendo a pobreza, as relações líquidas e sem base de suas vidas. O meu desejo é que cada um e cada uma voe para sempre em direção ao sol e peço que a cera de suas asas nunca derreta.

TERCEIRA PARTE

Conclusão e Considerações Finais

CONCLUSÃO

Gosto de ser gente porque, inacabado, sei que sou um ser condicionado mas, consciente do inacabamento, sei que posso ir mais além dele” – Paulo Freire

Essa pesquisa apresentou os relatos e os desenhos de quatro adolescentes frequentadores da Casa Dom Bosco em Americana. Acredito que os (as) adolescentes conseguiram se expressar através do desenho e dessa maneira, pude conversar e conhecer melhor cada um. Creio que todos os desenhos, principalmente do Claudio, foram muito ricos sentimentalmente falando, o que trouxe um grande enriquecimento para o estudo.

A prática do desenho livre permitiu que os (as) adolescentes se sentissem à vontade para contar alguma situação ou experiência de vida, e dessa maneira, tomar consciência de si mesmos. Nise da Silveira (2007) nos ajuda a entender que Jung conceituou o processo de individuação como sendo uma tendência instintiva a realizar plenamente potencialidades inatas. Contudo é um processo extremamente longo e de eterno aprendizado, mas que deverá sempre estar em funcionamento.

Ao desenharem os (as) adolescentes se sentiram mais livre para expressar suas emoções além de proporcionar um momento de livre criação, onde a imaginação e a criatividade puderam aflorar. Vygotsky (1988) traz grande importância para a questão da imaginação, dividindo-a em duas funções: a reprodutora (que seria a própria memória) e a criativa. Para Vygotsky o homem evolui quando para de reproduzir e começa a inventar. A escola entra como algo negativo nesse aspecto, pois ao invés de deixar a imaginação das crianças fluir (ao desenhar, dançar, pintar etc), poda essa criatividade com: horários determinados para brincadeiras, conteúdo excessivo de matérias e conteúdos ligados às provas e vestibulares, limitação das aulas ligadas ao corpo (como dança e teatro) e principalmente as disciplinas ligadas ao silêncio do aluno, onde este tem hora para conversar e brincar.

A Casinha, apesar de ser uma forma de Educação Não Formal, trabalha como contra turno escolar e possui muitas semelhanças com a educação escolar, pois há salas de aula com carteiras, lousa, giz e armário; os educandos (como são chamadas as crianças e adolescentes que frequentam a instituição) usam uniformes, e é obrigatório, assim como o não uso de shorts muito curto; os educadores fazem chamada todo dia; há as oficinas (mas que se assemelham às aulas pois possuem 50 min de duração) e depois do término, existe o ‘tempo livre’ (novamente fazendo analogia ao recreio); os educandos são direcionados por ciclos

(ciclo I, ciclo II e ciclo III, por idade); e os educadores são formados nas áreas específicas que trabalham.

A única característica não formal que consigo enxergar não é nem ‘não formal’ e sim, ‘não escolar’, pois para mim, a instituição é apenas não escolar. A Educação Não Formal, deveria se basear na educação do povo *para* o povo, possuir relações horizontais entre seus envolvidos e aspirar sempre uma educação emancipatória e crítica. Contudo, projetos, instituições e ONG’S, querem falar de cima, querem falar *de* e não *com*. Querem privatizar, fazer rodar a lógica do mercado e massificar (seja pela cultura ou pela religião) a classe baixa e média. Infelizmente é dessa maneira mais crítica que vi a educação nessa instituição.

Contudo, é de extrema importância frisar que se trata de um espaço onde as crianças e jovens adoram estar, onde se sentem bem, vão porque querem ir e querem aproveitar a manhã ou à tarde, encontrando os amigos, jogando bola e participando de oficinas. Os educadores possuem uma relação de muito afeto com todos, transformando o espaço em um lugar mais calmo e gostoso de estar.

Esse trabalho olhou para a linha da psicologia analítica sobre o método de investigação da psique através dos desenhos, contudo, pensando além da teoria, acredito que essa atividade de desenho livre e conversa com adolescentes deve ser feito diariamente, independente da linha sociológica, psicológica ou filosófica. A base desse trabalho se resume na conversa e no momento dedicado para ouvir Claudio, Laura, Luiza e Guilherme.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

“Conheça todas as teorias, domine todas as técnicas, mas ao tocar uma alma humana, seja apenas outra alma humana”. Carl Jung

Toda a pesquisa e meu aprofundamento em cada história, me fez perceber a importância e a complexidade de trabalhar com humanos. O não envolvimento é impossível nesse tipo de pesquisa, e fico feliz que seja assim! Pois é apenas dessa maneira que entramos em contato com o outro, percebemos sua fragilidade e sua força, e com isso, vamos despertando em nós mesmos um conhecimento exterior sobre a sociedade juntamente com um autoconhecimento.

A prática pedagógica necessita de reflexões sobre as barbáries e belezas do mundo. Precisa estar atento ao que acontece lá fora e entender *por que* acontece. É nosso papel debater, questionar e se revoltar com os ultrajes que o governo impõe em nossa profissão pouco reconhecida e mal remunerada.

Levarei para sempre cada história contada por eles e elas, e espero compassivamente que a minha intervenção tenha provocado esses jovens de alguma maneira positiva. Seja para repensar suas atitudes, conhecer a si mesmos, ou simplesmente ter ocasionado um ambiente de conforto. Creio que consegui criar um espaço onde eles puderam ser ouvidos e amparados. Acredito que seja essa a maior educação que qualquer pessoa pode dar a outra: acolhimento.

Entender a realidade de onde se está, faz toda a diferença na hora da prática pedagógica, pois esta deixa de ensinar *sobre* e passa a ensinar *com*. Como disse Paulo Freire: “a cabeça pensa onde os pés pisam”, ou seja, nessa sociedade capitalista, caracterizada pelo mercado, *mais valia* e firmada na desigualdade, podemos entender e ler o mundo através da ótica do opressor ou através da ótica do oprimido. Por isso toda prática pedagógica é política, no sentido de se constituir sujeito no mundo, tomar decisões e atitudes frente à sua ideologia.

“Assumir-se como ser social e histórico como ser pensante, comunicante, transformador, criador, realizador de sonhos, capaz de ter raiva porque capaz de amar. Assumir-se como sujeito porque capaz de reconhecer-se como objeto. A assunção de nós mesmos não significa a exclusão dos outros. É a ‘outredade’ de ‘não eu’, ou do *tu*, que me faz assumir a radicalidade de meu *eu*” (Paulo Freire, *Pedagogia da autonomia*, p.41)

Finalizo essa pesquisa, e juntamente a graduação, otimista em relação a minha concepção de educação concomitantemente a minha bagagem teórica. Acredito que há sempre muito o que aprender, mas deixo o curso agradecida por ter um norte iluminado de boas práticas e posicionamento político.

BIBLIOGRAFIA

- ABERASTURY, A. et alii. **Adolescência**. Buenos Aires: Ediciones Kargieman, 1973
- _____. & KNOBEL, M. **Adolescência normal**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1984
- ARTIGAS, Villanova. **O desenho**. In.: *Sobre o desenho*. São Paulo, FAUUSP. 1975
- BLOS, Peter. **Adolescência**: uma interpretação psicanalítica. 2. ed. São Paulo, SP: Martins Fontes, 1998
- DERDYK, Edith. **Formas de pensar o desenho**: desenvolvimento do grafismo infantil. São Paulo, SP: Scipione, 1989.
- DERDYK, Edith. **O desenho da figura humana**. São Paulo, SP: Scipione, 1990.
- DOR, Joel. **Introdução a leitura de Lacan**: o inconsciente estruturado como linguagem. 3. ed. Porto Alegre, RS: Artes Médicas, 1992.
- FONTANA, R.A.C. **Trabalho e Subjetividade**: nos rituais de iniciação, a constituição do ser professora. *Caderno Cedes*, v.20, n.50, p.103-19, abr. 2000.
- FRANZ, Marie-Louise von. **A interpretação dos contos de fada**. 7. ed. São Paulo, SP: Paulus, 2008.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da indignação**: cartas pedagogicas e outros escritos. São Paulo, SP: UNESP, 2000.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessarios a pratica educativa. 34. ed. São Paulo, SP: Paz e Terra, 2006
- FREUD, Anna; STRACHEY, Alix; TYSON, Alan (colab.); FREUD, Sigmund. **Edição standard brasileira das obras psicologicas completas de Sigmund Freud**. Notas de James Strachey; Direção de Jayme Salomão. Rio de Janeiro, RJ: Imago, 1996-2006.
- FURTH, Gregg M. **O mundo secreto dos desenhos**: uma abordagem junguiana da cura pela arte. Tradução de Gustavo Gerheim. 3. ed. São Paulo, SP: Paulus, 2009.
- GALEANO, Eduardo H. **De pernas pro ar**: a escola do mundo avesso. Porto Alegre, RS: L&PM Editores, 2001.

GOHN, M.G. **Educação não formal: um novo campo de atuação**. Revista Ensaio: aval. Pol. Públ. Educ. Rio de Janeiro, v.6, n. 21.

JUNG, C. G. **O homem e seus símbolos**. Rio de Janeiro, RJ: Nova Fronteira, 1977

_____. **A dinâmica do inconsciente**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998

_____. **Psicologia e alquimia**. 4. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

KALINA, E. **Psicoterapia de adolescentes**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1976

KLEIN, Melanie. **Sobre o desenvolvimento do funcionamento mental**. Obras Completas de Melanie Klein: Volume III Inveja e Gratidão e outros trabalhos (1958). Rio de Janeiro: Imago, 1991.

KOLCK, Odette Lourenção van. **Sobre a tecnica do desenho da figura humana na exploração da personalidade**: estudo de adolescentes de Centros Urbanos. São Paulo, SP: USP/FFCL, 1966.

MATTAR, Talitha (ed.); ABREU, Luís Alberto de (Coaut. de). **Conexões 2008**: nova dramaturgia para jovens = new plays for young people. 2. ed. São Paulo, SP: Editora Célia Helena, Teatro Escola, 2011

MEREDIEU, Florence de. **O desenho infantil**. 12. ed. São Paulo, SP: Cultrix, 2008.

MORENO, Maria Teresa Nappi. **A bela adormecida e a adolescência**: um enfoque junguiano. São Paulo, SP: Vetor, 2002.

OSTETTO, L. E. . **O estágio curricular no processo de tornar-se professor**. In: OSTETTO, Luciana Esmeralda Ostetto. (Org.). Educação infantil: saberes e fazeres da formação de professores. 1ed.Campinas - SP: Papirus Editora, 2008, v. 1, p. 127-138.

QUEIROZ, Maria Isaura P. **O pesquisador, o problema da pesquisa, a escolha de técnicas: algumas reflexões**. In *Textos CERU*, S.P.: Humanitas, Serie 2, no. 10, p. 15-34, 2008.

Resoluções CNAS 2013: <http://www.mds.gov.br/cnas/legislacao/resolucoes/arquivos-2013/resolucoes-cnas-2013/> Acessado em: 27/10/2015 as 12:25hrs

SILVEIRA, Nise da. **Jung: vida e obra**. 21. ed. São Paulo, SP: Paz e Terra, 2007.

SPOSITO, M. P. **Juventude e Educação: interações entre a educação escolar e a educação não formal.** In Educação & Realidade, 33(2), jul/dez, 2008

VIANNA, Tiche; STRAZZACAPPA, Marcia. Teatro na educação: reinventando mundos. In FERREIRA, Sueli (Org) **O ensino das artes:** construindo caminhos. Campinas: Papirus, 2001. p.115-138.

VIGOTSKY, L. S.; COLE, Michael (Coaut. de); VIGOTSKY, L. S. **A formação social da mente:** o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores. 2. ed. São Paulo, SP: Martins Fontes, 1988.

WINNICOTT, D. W. (1990). **Natureza humana.** Rio de Janeiro, RJ: Imago. (Trabalho original publicado em 1988)